PREFEITURA DO MUNICIPIO DE SÃO PAULO

# REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL

XXVII

DEPARTAMENTO DE CULTURA
SÃO PAULO
1936

# REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE CULTURA
ORGÃO DA SOCIEDADE DE SOCIOLOGIA

DIRETOR
MARIO DE ANDRADE

ANO III
VOLUME XXVII
SETEMBRO 1936
SÃO PAULO

SECRETARIO
SERGIO MILLIET


## SUMÁRIO


- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS INDIOS BORORO . . . — Claude Levi-Strauss
- NOTAS GENEALOGICAS SOBRE A FAMILIA REBOUÇAS DA PALMA, ORIUNDA DO VALE DO PARAÍBA DO SUL, ESTADO DE SÃO PAULO . . . . . — Carlos da Silveira
- ASSISTENCIA FILANTROPICA NA CIDADE DE SÃO PAULO . . — Samuel H. Lowrie
- E' INCONSTITUCIONAL O ARTIGO 3.º DO DECRETO 7.248 . . — Monteiro Brisolla

• ORDENS REGIAS • PAPEIS AVULSOS • ATAS DA CAMARA DE SANTO AMARO • ASSUNTOS BIBLIOTECARIOS • NOTICIARIO • ATOS E RESOLUÇÕES OFICIAIS



As gravuras de **Rugendas** intercaladas neste numero são impressas com tinta **DRUBIN** — G. B. LO RE — representante — São Bento 51 — S. Paulo.

•

CLICHÉS DE **LASTRI & HEIKAUS**
Rua Asdrubal do Nascimento, 80 —— Tel. 2-7098

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

# CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS INDIOS BORORO

CLAUDE LÉVI-STRAUSS
(Da Universidade de São Paulo)

Dos dois centros de povoamento Bororo, situados, um a nordeste de Cuiabá e outro a este-sudeste da mesma cidade, o segundo compreende hoje três grupos de aldeias indigenas: as do medio e alto São Lourenço, providas de residentes do Serviço de Proteção aos Indios, as do rio das Garças, na região diamantifera, controladas pelas missões salesianas e finalmente as três aldeias de Kejara, Pobori e Jarudori, sobre o rio Vermelho, afluente da margem esquerda do alto São Lourenço, menos sujeitas diretamente ás influencias religiosa e administrativa. Foi na mais importante das três, a aldeia Kejara, que fizemos uma estada em janeiro e fevereiro de 1936, época em que a estação das chuvas isola completamente os indigenas dos raros contactos que podem ter em outras épocas do ano com a população brasileira; esta, aliás, que sempre foi pequena, ha tempos evacuou completamente a região, cujas condições materiais e sanitarias parecem particularmente desfavoraveis. Além de dois telegrafistas, sómente vivem nas margens do rio algumas familias de pescadores, em sua maioria leprosos.

A aldeia Kejara ocupa uma vasta clareira, em parte natural, sobre a margem esquerda do rio Vermelho, logo á sua beira e limitada ao sul, oeste e éste, por escarpas de arenito vermelho.

Em torno espalham-se, sobre algumas centenas de metros, e em intima promiscuidade com a floresta ou mato que recomeça a surgir da terra, as culturas indigenas: mandioca, milho, arroz. Passeiam livremente através delas, como tambem pela aldeia, alguns patos e galinhas que vivem hoje em estado semi-selvagem e se caçam a frechadas quando necessario. Em janeiro e fevereiro de 1936, contavam-se, na aldeia Kejara, alem da "Casa dos Homens", vinte e sete casas habitadas, em sua maioria, por familias. A população total, impossivel de se avaliar com precisão, porquanto uma parte dos aldeiados se encontrava constantemente fóra, na pesca, na caça ou em missão ou visita a outras aldeias indigenas, elevava-se aproximadamente a cento e quarenta pessoas, com um numero de mulheres menor que o de homens e não ultrapassando uma dezena o numero de crianças de menos de quinze anos, das quais duas ou três somente na primeira infancia. O tipo humano parece bem conservado: os individuos belos e sadios, principalmente entre os homens, constituiam a grande maioria. As doenças comuns á região, febre amarela e variola, são das que eliminam de preferencia. Da ultima, entretanto, muitos indigenas tinham sinais. Um leproso residia na aldeia. Um cégo representava o unico defeito fisico.

Um unico indigena, vindo das missões, falava correntemente o português, que, ao que parece, soubera, antes, ler e escrever. Cinco ou seis outros o compreendiam mas só tinham á sua disposição um vocabulario reduzido. Os restantes ignoravam completamente a lingua portuguesa.

# ESTRUTURA DA ALDEIA

A aldeia Kejara é dividida em duas fratrias exogamicas, respectivamente denominadas Tugare e Čera. O sentido destes termos nunca nos foi precisado. Uma unica vez, a proposito do clan Ki, que significa *anta,* observaram-nos que antas são todos os Čera. Cada uma das fratrias divide-se em varios clans ou grupos de clans, cuja lista é a seguinte:

## FRATRIA TUGARE

Clan Paiwe — ou porco espinho

Clan Āróre — ou lagarta

Clan Ewaguddu — ou buritĭ

Clan Apibore

## FRATRIA ČERA

Clan Bādejeba — ou chefe

Clan O Čera — ou Čera do ibis

Clan Ki — ou anta

Clan Bokodori Čiba-Kōge — ou tatú canastra — arara vermelha — dourado

Clan Bakoro

Clan Bóro — ou adorno do labio inferior (Nota I)

Ao lado das divisões de clans propriamente ditas, encontra-se um certo numero de distinções de caracteres diferentes.

A estrutura morfologica da aldeia exprime imediatamente a organização social. As casas são distribuidas em volta de um grande circulo, cujo centro aproximativo é ocupado pela casa dos homens (baitemannanagẽ) que se ergue sobre um eixo norte-sul. Uma linha oeste-sudoeste ou éste-nordeste, fortemente obliqua em relação ao eixo, divide a aldeia em duas metades mais ou menos iguais: a parte sudeste compreende as casas Tugare; a noroeste é formada pelas casas Čera. O diametro do circulo traçado tendo sido curto demais para o numero de casas, uma delas, pertencente ao clan Ki, viu-se empurrada levemente para fóra do alinhamento (Fig. 4). Numerosos testemunhos indigenas afirmam que, no passado, esta disposição era normal e a aldeia compreendia varios circulos concentricos, encontrando-se as casas do mesmo clan situadas umas atrás das outras mais ou menos.

A construção da aldeia traduz pois a estrutura social. Mas exprime tambem sua posição geografica. Um segundo eixo, fortemente obliquo em relação ao precedente e perpendicular ao rio, divide por sua vez a aldeia em duas metades: a dos caboge ᵂ₋oge, isto é "os de rio acima" e a dos cebege ᵂ₋oge ou "os de rio abaixo". Cada uma destas metades compreende evidentemente casas pertencentes a ambas as fratrias. E a distribuição espacial dos clans no interior de cada hemiciclo é de tal ordem que três deles se acham igualmente divididos em dois grupos, de acôrdo com sua posição em relação ao rio. Temos assim:

Ewaguddu cebege o: os do buritĩ de baixo.

Ewaguddu caboge o: os do buritĩ de cima.

Ārore cebege o: os da lagarta de baixo.

Ārore caboge o: os da lagarta de cima.

Bokodori cebege o: os do tatú canastra de baixo.

Bokodori caboge o: os do tatú canastra de cima.

Em compensação os clans Paiwe, Bakoro, Bóro, são inteiramente de rio acima; e os clans Ki, Bādejeba, Apibore, inteiramente de rio abaixo.

As duas casas com frente para as duas portas da casa dos homens e pelas quais passa o diametro divisor do rio acima com o rio abaixo, têm denominação especial que exprime sua posição particular. Seus habitantes são ditos baiadadda, isto é, "os que olham para a casa" (n.os 4 e 17 da planta). E' de observar-se que a porta da casa dos homens de frente para a metade Tugare se chama Čera, enquanto que a de frente para a metade Čera se denomina Tugare, sendo o casamento matrilocal.

Além destas determinações espaciais, utilizam os indigenas igualmente outras de acôrdo com a ordem enumerativa, a importancia e as relações familiares. Certas casas são chamadas Bo'pokeje oge, "os ultimos" (literalmente: Bo': gente; pokeje: de novo; wo: lá; ge: plural). Temos assim Bādejeba bo'pokeje o (n. 12), nome particular da ultima casa da fratria Čera, e Ewaguddudoge bo'pokeje oge (n. 16).

Um grupo residente numa mesma casa póde receber um nome especial de acôrdo com a importancia particular do agrupamento ou da construção. Assim, a da casa numero 15, chamada, talvez em virtude de sua forma notavel, Ẽwaguddu kurigeõ, "os do buritĩ o grande".

Finalmente, quando a distribuição dos membros do clan em casas diferentes corresponde a uma distribuição sistematica de parentes de uma mesma familia, cada casa se designa pelo seu caráter familiar. Assim (n. 17) Ẽwaguddudoge eten'manaãge: "os do buritĩ irmãos mais velhos" e (n. 18) Ẽwaguddudoge etu'ieemãge: "os do buritĩ irmãos mais moços".

E' possivel igualmente que a adoção ou repartição de emblemas entre membros do mesmo clan levem á criação de outras determinações secundarias. Varios clans dividem-se assim em dois sub-clans diferenciados respectivamente pelas côres preta e vermelha:

Apibore v̈coreõ: preto (n. 23)

Apibore kujagoreõ: vermelho (n. 22)

Paiwe v̈coreõ (n. 25)

Paiwe kujagoreõ (n. 26)

Ẽwaguddu v̈coreõ (n. 15)

Ẽwaguddu kujagoreõ (n. 18)

Certos grupos de clans originaram-se talvez de um clan unico em consequencia de uma tal repartição de emblemas: os Bóro recolheram um objeto associado á historia lendaria do clan Bakoro, de que fizeram sem duvida parte antigamente. Do mesmo modo os O v̈Cera, herdeiros tambem de um animal lendario do clan. O clan Bokodori está dividido em Kõge (dourado) e v̈Ciba (arara

vermelha); mas o problema está em saber si se trata realmente de sub-divisões de um clan principal, ou de um clan homogeneo designado por três emblemas. "Bokodori e Kõge, Bokodori e Čiba: mesma cousa", dizem os indigenas.

O numero de termos utilizados para a definição dos grupos é, pois, nitidamente mais importante que o das casas da aldeia. Disto resulta que os diferentes informadores não designam sempre as mesmas casas pelos mesmos adjetivos. O mesmo informador varia igualmente segundo as horas e as circunstancias. Em segundo lugar, cada casa — ou quasi — se não possue sempre um nome proprio, tem, pelo menos, uma combinação determinada dos nomes do clan, da posição, familia, etc., que lhe pertence exclusivamente. A aldeia Bororo compõe-se por conseguinte, antes de tudo, de um conjunto de familias ou grupos de familias morando na mesma casa e qualificadas somente deste ponto de vista. A denominação da casa implica sempre, entre outras cousas, no nome do clan; comporta ás vezes o nome da fratria, como é o caso mais comum dos Čera. Eis aqui a lista tipo das "casas" da aldeia Kejara, tal qual nos foi possivel estabelecer, fundindo as informações colhidas dos nossos diferentes informadores, ou do mesmo em diferentes ocasiões:

Fratria Čera:

(metade caboge õ

— continuação)

1) Bóro Čera.
2) Bakoro Čera — Nogujeba.
3) Čiba Čera — Bokodori caboge õ.
4) Kõge Čera — Bokodori baiaddadaª.

(metade cebege o)

5) Bokodori Čera cebege o.
6) Ki kujagoreo.
7) Ki.
8) O Čera cebege o.
9) O Čera.
10) Badejeba cebege o.
11) Badejeba cebege o baiaddadawo (1).
12) Badejeba cebege o bo'pokejewo.

Fratria Tugare:

13) Áróre cebege o.
14) Áróre cebege o.
15) Ewaguddu coreo kurigeo cebege o.
16) Ewaguddu bo'pokejewo cebege o.
17) Ewaguddu baiaddada eten'manaage.

(metade caboge o

18) Ewaguddu kujagoreo etu'ieemage caboge o.
19) (abrigo desocupado).
20) Áróre caboge o baiaddada (1).
21) Áróre caboge o.
22) Apibore kujagoreo.
23) Apibore coreo.
24) Apibore.
25) Paiwe coreo.
26) Paiwe kujagoreo.

As casas pertencentes a um mesmo clan erguem-se ao lado umas das outras, com exceção das do clan Áróre separadas em dois grupos pelo clan Ewaguddu.

---

(1) — Deixamos subsistir esta contradição, sinal de divergencia entre dois informadores quanto é posição do eixo dos baiddada (4-17- ou 11-20).

## RELAÇÕES COM A ORGANIZAÇÃO ECONOMICA

E' dificil saber si a convivencia dos indigenas com os civilizados (1) modificou muito sua vida economica. A alimentação atual dos Bororo é mais vegetal do que carnea. Isto se explica pela necessidade, dia a dia maior, em face da rarefação da caça, de recorrer á agricultura e pelas facilidades trazidas á cultura pelos instrumentos de ferro distribuidos ha alguns anos pelo Serviço de

---

(1) — Convém limitar o emprego do termo ao Exercito e ao Serviço de Proteção aos indios. Com efeito, fôra absolutamente impossivel compreender a estabilidade relativa da cultura material dos Bororo, de que o estudo de Von den Steinen, velho de mais de cincoenta anos, nos oferece ainda uma descrição extraordinariamente fiel, si não se levasse em conta o fato dessa cultura, em si mesma muito superior á do caboclo, ter sido ainda mais elevada acima do nivel desta ultima pelos presentes do Serviço de Proteção. Um pescador do Rio Vermelho só tem, em 1936, um meio de obter um machado: tentar consegui-lo com os indios. O motivo essencial que nos permitiu constituir uma pequena comitiva para realizar a viagem a Kejara, numa época em que a navegação em canôa é particularmente delicada, foi o fato de saberem os camaradas que os indios dessa aldeia — onde nunca tinham posto os pés — possuiam culturas de fumo, de que esperavam trazer mudas novas. Sua esperança realizou-se: as trezentas mudas de tabaco dadas pelos indigenas aos canoeiros marcaram o inicio da cultura do fumo pela população do alto São Lourenço. Estas condições excepcionais explicam porque a cultura material dos Bororo, incomparavelmente superior á de sua visinhança imediata, se tenha mantido, mais ou menos.

Proteção. Como a agricultura continuou a ser tarefa excluxivamente feminina, a atividade dos homens fez-se menor, sem compensação, e o nivel de vida da população baixou. Assim, embora tenha o serviço de Proteção proporcionado aos indigenas vantagens apreciaveis em confronto com a indigencia cultural das populações brancas ou mestiças do interior, sua cultura propria degenerou.

Como quer que seja, o sistema atual não exclue as diferenças economicas. Dentro do quadro das obrigações coletivas, todos gozam certa liberdade. E' o chefe indigena da aldeia quem manda aumentar ou restringir o surribamento, semear arroz ou milho, plantar mandioca ou tabaco. O elemento feminino de cada familia trabalha uma data de terra e o terreno disponivel em relação á área surribada é bastante vasto para que a repartição se faça amigavelmente; os indigenas parecem ignorar os conflitos de demarcações. As culturas são abandonadas logo que se esgotam as terras, escolhendo-se outro local. Ha uma extrema diversidade de recursos. Os órfãos celibatarios, não podendo contar com trabalho de uma mulher (mãi, esposa ou filha) vêm-se privados de todos os produtos cultivados e vivem da caridade de seus camaradas. O mesmo ocorre com os anciãos: depois de uma caça ou pesca abundante trazem-lhes pedaços de carne ou peixes. Mas ás vezes, tambem, esquecem-nos. O indigente fica, então, sem comer e, solitario, passa a noite inteira a dar os gemidos rituais. Uma velha, que morava conosco na mesma choça, esquecida certa ocasião pelos seus benfeitores habituais, evocou, durante horas seguidas, indiferente á nossa presença, o tempo em que seus cinco

maridos sucessivos lhe garantiam a subsistencia. Paralelamente, encontram-se os bem nutridos, os abastados, seja em virtude de uma colheita particularmente bôa, seja por contar a familia numero elevado de mulheres (verificámos dois casos de bigamia, com chefes), seja ainda por tratar-se de especialistas insubstituiveis: o indigena fornecedor de mós de pedra quadrada á tribu, utilizadas para polir a madeira dura e afiar os instrumentos de osso e ferro, era considerado particularmente competente e os beneficios de sua industria o dispensavam do cultivo da terra. Existem tambem os imprevidentes. O chefe de todas as aldeias do rio Vermelho, de quem eramos hospedes em Kejara, de ha muito usava de sua autoridade em proveito proprio. Muitos eram os indigenas que, tendo surribado, plantado e colhido para ele, possuiam verdadeiras hipotécas. A essa imprevidencia devemos a aquisição de objetos rituais considerados preciosos. Pois Tusawa, o unico com direito de deles dispor, encontrara no seu comercio o meio de obter roupas, adornos, armas e instrumentos, que não conservou mas serviram integralmente para libertar-se. Como, em verdade, seu poder era limitado pelos chefes dos clans, com os quais mantinha interminaveis conferencias, a cada novo negocio, nossos objetos de troca passaram sem duvida, na maioria, em comissões e propinas destinadas a decidir o acôrdo.

Estas diferenças de recursos têm, portanto, um caráter pessoal. Mas a habilidade na caça ou na pesca, a abundancia dos produtos da terra, são elementos secundarios da fortuna. Uma riqueza de caráter mais hereditario é constituida por colares de dentes de onça, adornos de dentes de macaco, ou ainda longos cor-

dões feitos de fragmentos pequeninos de nózes de tucum, casca de tatú e conchas, que nenhum presente, por mais rico que seja, induz uma mulher a abandonar e são, com efeito, o resultado dos trabalhos e caças de muitas gerações. Um dia, encontrámos uma mulher vestida para uma festa, com uma "barrete" particularmente bela. Colocada em frente de uma montanha de presentes, foi-se sem dizer palavra, e, minutos mais tarde, vimo-la reaparecer sem a preciosa joia, que nunca mais usou durante a nossa estada. Depois de muitos esforços, conseguimos adquirir outro exemplar menos perfeito, mas logo que o negocio se tornou conhecido, provocou verdadeiro furor no elemento feminino da aldeia, que não nos poupou seus insultos. Estes adornos parecem transmitir-se por doação, de mãe ou avó para filha ou néta. Assim se formam verdadeiras fortunas hereditarias, de que são as mulheres usufruidoras e de cuja posse se orgulham com altivez e arrogancia.

Outros elementos de fortuna estão finalmente ligados de maneira mais intima ainda á estrutura social. Numa coletividade, cuja atividade mais evidente é dispendida em cantos e dansas, tudo o que serve á ornamentação ritual possue um valor fóra do comum. Eis porque as plumas, verdadeira materia prima das manifestações sociais e religiosas, constituem riqueza de genero bem particular. Todo indigena tem seu capital de plumas, caprichosamente conservadas em caixas compridas e cilindricas de madeira e com um valor corrente bem determinado, de acôrdo com a especie, a côr e a fórma. Ha plumas vulgares e plumas preciosas. A utilização de cada tipo é privilégio de um clan. As vulgares tambem estão regulamentadas: seu emprego, o genero de objétos para

cuja composição são requeridas, a técnica da fabricação, o estilo, enfim, variam confórme o clan. Esta especialização estende-se á quasi totalidade dos produtos manufaturados: fréchas, arcos, armas, colares, adornos, diademas, etc. Exporemos mais adiante as expressões concretas dos privilegios sociais que nos foi possivel recolher. Mas todos os clans não são iguais em relação á variedade de armas e de adornos que têm o direito de confecionar, nem, em relação á raridade das materias primas que têm o direito de utilizar. Certos clans, por exemplo, podem fabricar muitos tipos de arcos; outros, um unico; alguns têm a prerrogativa dos ricos adornos ao passo que outros se vêem limitados a formas e materiais mais modestos.

A todas as distinções secundarias que enumerámos seria necessário acrescer uma hierarquia economica dos clans ricos, modestos e pobres. Segundo os indigenas, era particularmente rico o clan, hoje extinto em Kejára, Kario Bokodori; são ricos os clans e sub-clans: Āróre Caboge o — Ewaguddu caboge o — Ewaguddu bo'pokeje wo. Contam-se em logares mais modestos os Ki — Koge — Ciba — Bakoro — Bóro — Paiwe — Apibore — Ewaguddu baiaddada — O Cera.

Os Badejeba cebege o nos foram apontados como particularmente pobres.

Parece, finalmente, que a hierarquia economica continúa no interior dos clans e que diferenças economicas acompanham o uso de certos nomes de propriedade dos clans. Estes nomes, ou classes de nomes, intervêm no regime matrimonial.

## UNIÕES PREFERENCIAIS

Não assistimos, durante a nossa estada, a nenhum casamento. A aldeia estava inteiramente entregue ás cerimonias funebres.

Foi-nos explicado que uma moça, desejosa de contraír casamento, tem que ir ao Baitemannanage° para procurar o conjuge escolhido. Mas, é diante das condições da escolha que convém nos determos. A exogamia nas fratrias não constitue a unica proibição matrimonial. Cada clan contrata o casamento de um modo mais ou menos preferencial, com um numero limitado de clans da fratria antagonica: um, dois, ou tres. Ora, essas uniões preferenciais são atribuição das divisões internas do clan, mais que do clan propriamente dito. Tais divisões têm talvez uma significação economica, mas seu papel essencial parece ser o de regulamentar os casamentos; elas não coincidem, exatamente, com nenhuma das distinções secundarias estudadas precedentemente.

O mais das vezes, estas distinções são estabelecidas por meio de nomes proprios: trata-se, portanto, de classes compreendendo, cada uma, um só individuo, ou, pelo menos, pequeno numero de individuos. Nem poderia ser de outro modo, mesmo que, no passado, as categorias tivessem sido mais numerosas, em vista do esbarrondamento demografico dos Bororo.

Damos abaixo a lista dos nomes de clans que pudemos recolher, com a indicação dos casamentos correspondentes.

# FRATRIA ČERA

| Clan | Nome | Contrai casamento com: |
|---|---|---|
| Bādejeba | Bakorokuddu (nome de um heroi lendario) | Āróre caboge o. |
| | Ipareceba (id.) | Āróre baiaddada. |
| | Wapa (?). | Ewaguddu baiaddada. |
| | Merit'awara (O caminho do Sol). | Apibore bo'pokejewo. |
| O Čera | Uaboreo (?-Uabo: coração). | Ewaguddu. |
| | At'ugoreo (Homem Pintado) | Āróre cebege o. |
| Ki | Kibakororo (Bakororo, a Anta). | Ewaguddu bo'pokejewo. |
| | Tu'goga (?-Tugo: flecha). | Ewaguddu baiaddada. |
| | Māra (?). | Ewaguddu baiaddada. |
| Bokodori-Čiba-Kōge. | Kōge (Dourado). | Ewaguddu coreo. |
| | Bokodori (Baro (?). | Ewaguddu baiaddada. |
| | Ariga Coca (?-Ariga: onça parda). | Ewaguddu caboge o. |

| | | |
|---|---|---|
| Bakoro | Nogujeba (heroi lendario). | Apibore (Kru'guga uobe). |
| | Kario Bokodori (heroi lendario que dava nome a um clan extinto). | Apibore (Brōge). |
| Boró | Bok'arebo (?). | Āróre baiaddada. |
| | Jeregi-codo (Velha Tartaruga). | Apibore kujagoreo. |

FRATRIA TUGARE

| | | |
|---|---|---|
| Paiwe | Baiporo (porta?). | Bokodori Čera. |
| | Meriri kurigeo (Grande Luz). | Bakoro Čera. |
| Apibore | Brōge (?-indica riqueza). | Bokodori-Čiba-Kōge |
| | Krug'ūga uobe (Parente da Aguia — Gavião, — indica riqueza). | Bokodori-Čiba-Kōge |
| Ewaguddu | Tad'ugo (?-indica riqueza). | Ki. |
| | Aria kurigeo (Grande Cassarola?). | Ki. |
| | But gade(?). | Bokodori. |
| Āróre | Baitogógo (heroi lendario). | Bādejeba. |

Este quadro, sem duvida incompleto, sugere as conclusões seguintes:

cinco clans contratam casamento com três clans:

Bādejeba (Apibore-Ėwaguddu-Āróre).

Bakoro (Paiwe-Apibore-Āróre).

Bokodori-Čiba-Kōge (Paiwe-Apibore-Ėwaguddu).

Apibore (Bādejeba-Bakoro-Bokodori, Čiba, Kōge).

Ėwaguddu (Bādejeba-Ki-Bokodori, Čiba, Kōge);

dois clans contratam casamento com dois clans:

Paiwe (Bakoro-Bokodori).

Āróre (Bādejeba-Bóro);

um clan casa num só clan:

Ki (Ėwaguddu).

O estudo da terminologia do parentesco permite precisar este sistema de união preferencial. O vocabulario indigena distingue, com efeito, na maioria dos graus de parentesco, o mais velho do mais moço:

Ogwa umanna: irmão mais velho do pai

Ogwa uie: irmão mais moço do pai

Mugȯ vuri: irmão mais velho da mãe

Mugȯ uie: irmão mais moço da mãe

Ogwa utuge: irmã mais velha do pai

Ogwa uie: irmã mais moça do pai

Mána: irmão mais velho

Uie: irmão (ou irmã) mais moço

Utuge: irmã mais velha

Por outro lado, existe um só termo para representar varias relações de parentesco, nos casos seguintes:

Marúga: antepassado — irmã mais velha do pai — sogra (em relação ao homem).

Ure: irmão da mãe — irmão mais velho — (em relação á mulher)

Uie: irmão mais moço — primo

Iedaga: sogro — pai do pai

Mugȯ pega: sogra — mãe do pai (literalmente: mãe errada).

Destas identificações, póde-se tirar a conclusão do sistema matrimonial seguinte: um individuo masculino pode contratar dois tipos de casamento: desposa a irmã mais moça de seu pai ou a filha da irmã mais velha do mesmo. No primeiro caso, o pai de seu pai é, ao mesmo tempo, seu sogro. A mãe de seu pai, ao mesmo tempo, sogra. No segundo caso, a irmã mais velha de seu pai é sua sogra.

A irmã do mesmo individuo não póde, simetricamente, desposar o irmão de sua mãe, porquanto, pertencem ambos á mesma fratria. Seu tio entra na categoria dos homens que ela não póde desposar e ela conhece um unico termo para designar os irmãos de sua mãe e seus proprios irmãos (mais velhos). Para ela, as combinações possiveis são: o filho do irmão de sua mãe ou o filho de seu irmão mais velho. O tio materno e o irmão mais velho são, pois, identificados pela pretendente como os dois fornecedores possiveis de conjuges. Donde resulta que os homens têm mu-

lheres de sua idade ou mais velhas, ao passo que as mulheres têm maridos de sua idade ou mais moços. Confirma-o a experiencia: o casamento simultaneo de uma mulher e sua filha, de leito precedente, com um novo marido constitue o caso tipico de bigamia dos Bororo.

Existem, ainda, para uma mulher, tres categorias de homens: os mais velhos do que ela e que ela não póde desposar (irmão da mãe, irmãos mais velhos); os mais moços do que ela e que ela não póde desposar (filhos do irmão do pai, irmãos mais moços); finalmente, os de sua idade ou mais moços com os quais póde casar.

Os Bororo possuiram pois, pelo menos no passado, duas formas de casamento, a saber: o casamento cruzado e o casamento do sobrinho com a tia. Não é possivel dizer, no estado atual de nossas informações, se tais casamentos continuam a ser rigorosamente praticados, se são contemporaneos ou si uma das formas representa, em relação á outra, um estadio evoluido. Mas, ao contrario do casamento cruzado-tipico, não é o irmão da mãe que se identifica com o sogro, mas o pai do irmão da mãe. Da mesma forma, a irmã desposa o filho do irmão de sua mãe ou o filho do irmão mais velho. Do ponto de vista das regras do casamento, cada geração se acha, pois, dividida em duas metades: os mais velhos casam-se dentro de sua geração ou das imediatamente superiores á que estão assimilados, ao passo que os mais moços encontram conjuge dentro de sua geração ou na imediatamente inferior á que estão assimilados. Assim, um jovem bororo distinguirá, do modo mais nitido, entre as irmãs de sua mãe, as mais jovens, que

constituem para ele possiveis esposas e as masi velhas, que são as mães de outras esposas eventuais; identificará, portanto, suas mais jovens tias e as sobrinhas délas.

Somente investigações ulteriores poderão dizer si, como é provavel, as classes de nomes determinantes das uniões preferenciais, dentro de cada clan, por nós analisadas acima, correspondem á divisão das gerações em mais velhas e mais moças. Esta divisão já se manifestava nas determinações secundarias do clan Ewaguddu (ns. 17, 18 do mapa).

## A CHEFIA

A aldeia Kejara é a residencia do chefe geral de todos os Bororo do rio Vermelho e alto São Lourenço. Chama-se ele Tusawa, tendo-o apelidado Cadete os pescadores brasileiros da região.

Pareceu-nos ter, por ocasião de nossa viagem, cerca de 60 anos.

Gozava de grande autoridade, embora não se privassem os indigenas de — na sua ausencia — dizer piadas inofensivas a seu respeito. Comentavam-lhe a preguiça e o costume de obrigar a

trabalharem em seu beneficio. Entretanto, não verificámos, durante a nossa estada, uma só ordem sua que não tivesse sido escrupulosamente executada. Ele proprio se vangloriava de ter estabelecido o equilibrio economico da aldeia, após a fundação do Serviço de Proteção, mandando surribar grandes extensões de terras e plantar arroz. Por duas vezes foi-nos dado observar a disciplina da população. Dias depois de nossa chegada, tendo avaliado a importancia das nossas provisões, ordenou um dia inteiro de trabalho para a confeção de objetos de troca; e desde madrugada até o caír da noite o Baitemannanage transformou-se numa verdadeira oficina em que todos os homens da tribu se dedicaram, sem descontinuar, ás mais engenhosas tarefas. Pouco mais tarde Tusawa ordenou uma pescaria. A aldeia inteira partiu no dia seguinte em cerca de trinta pirogas, deixando-nos sós, com as mulheres e as crianças, nas casas abandonadas.

Eram seus poderes bastante vastos. Era ele quem orientava a vida economica da tribu, resolvendo anualmente sobre as terras a serem surribadas e cultivadas e o genero das plantações, ordenando caçadas e pescarias, escolhendo as diversas industrias. Determinava tambem, eventualmente, a mudança do local da aldeia. Kejara só desde alguns anos estava localizada no lugar atual; encontrava-se antigamente a dois quilometros mais ou menos rio abaixo.

A emigração tivera por fim fugir da variola e já Tusawa projetava nova mudança, porquanto a doença recomeçava a grassar.

Por outro lado o chefe decidia das festas, adiava-as quando o seu estado de saude o exigia e nelas tomava parte ativa. Bôa parte do cerimonial lhe cabia e muitos córos o tinham por lider ou solista (recitante). Todos os objetos, adornos e instrumentos, utilizados nas dansas ou cerimonias religiosas, embora estivessem disseminados pelas casas dos diferentes atores, lhe pertenciam. Pelo menos deles só ele podia dispôr.

Foi sempre com ele, pessoalmente, que tivemos de tratar a aquisição dos objetos rituais, mesmo quando os descobriamos no fundo de qualquer casa mais afastada. Nenhum presente induzia o proprietario visivel a assumir a responsabilidade do negocio.

Finalmente, os infanticidios são da competencia do chefe. Sufoca os recem-nascidos indesejaveis, tapando-lhes nariz e boca com a mão.

Embora nos mandassem sempre ter com ele, para a aquisição dos objetos de uso coletivo, Tusawa raramente resolvia o negocio por sua conta propria. Longas conferencias se realizavam, a que compareciam os chefes dos clans e seus amigos e homens de confiança. Tinha ele, com efeito, por habito, rodear-se de conselheiros sem nenhuma função politica mas com grande influencia pessoal. Era o mais das vezes por intermedio deles — não haviam demorado em no-los tornar conhecidos — que lhe solicitavamos as autorizações necessarias ao proseguimento de nossos trabalhos. Horas depois, Tusawa surgia, sentava-se ao nosso lado, silencioso, sorria em seguida misteriosamente e reclamava um presente. Estava concluido o acôrdo.

Tusawa comunicava-se pessoalmente com seus súditos menos ainda do que conosco. Via-os pouco, tendo mudado a sua casa para a margem direita do rio, onde vivia sozinho com suas duas mulheres e onde tinha plantações. Salvo quando sua presença se fazia necessaria, para as cerimonias, passava apenas algumas horas na aldeia. Transportava-se então para a choupana do clan O Cera (numero 8) sobre a qual parecia ter direito de propriedade, e que puzera, pelo menos, á nossa disposição. Habitavamo-la em companhia de uma velha viuva e a familia hostil de um "bari".

Aí — ou na Casa dos Homens — o procuravam seus homens de confiança, para receberem comunicação de suas decisões. Quanto á aldeia, tomava conhecimento delas durante um cerimonial quotidiano realizado ao cair da noite. Neste momento acende-se uma grande fogueira, perto do Baitemannage, em torno da qual se agrupam os chefes de clans. Em voz muito alta um deles procede a uma verdadeira chamada dos clans, cujos nomes ressoam sucessivamente dentro da noite.

A' medida que chegam os interessados, são-lhes comunicadas as ordens para o dia seguinte, sempre no mesmo tom forte que penetra os recantos das mais longinquas residencias. Nessa hora do dia as habitações estão vazias, aliás, ou quasi. Com a caída da tarde, que afugenta os mosquitos, todos os homens sáem de suas casas, aonde se haviam recolhido por volta de seis horas.

Cada um carrega nos braços a esteira que vai estender no chão de terra batida da grande praça redonda, cercada de mourões e situada a oeste da Casa dos Homens. Deitam-se os indigenas envoltos em grandes cobertas de algodão, completamente tingidas

de alaranjado pelo contacto com os corpos lambuzados de urucú, e nas quais o Serviço de Proteção reconheceria dificilmente os presentes de cinco ou seis anos antes. Sobre as esteiras compridas deitam-se de tres a quatro pessoas, que trocam poucas palavras entre si. Outros indigenas ficam isolados. Pode-se circular entre os corpos estendidos. A' medida que vão sendo chamados, os chefes das familias nomeadas erguem-se alternativamente, vão ouvir as ordens para o dia seguinte e voltam a deitar-se de rosto virado para o céu. As mulheres tambem saíram das casas. Formam grupos ás portas, onde esteiras já foram igualmente preparadas. As conversações se fazem cada vez mais raras e, progressivamente, orientadas no inicio por dois ou tres oficiantes, ampliando-se com as chegadas sucessivas de indigenas, começam a fazer-se ouvir, primeiro dentro da Casa dos Homens, depois na propria praça, os cantos, recitativos e córos, que durarão a noite inteira.

Não pudemos obter nenhuma informação séria a respeito da escolha do chefe. A chefia é provavelmente hereditaria dentro do clan, passando, com a morte do titular, para o filho da irmã.

Com efeito, Tusawa não deixava herdeiros. Conforme informações dos indigenas, um conselho de anciões ou chefes de clan deverá reunir-se depois de sua morte para designar seu sucessor.

Tusawa, detentor, em aparencia, de um poder quasi absoluto (no dominio temporal, entende-se), pertencia ao clan Bakoro, ao passo que o clan Bādejeba, ou chefe, nos era descrito como "muito pobre" e colocado numa situação "inferior" (nota II).

## PRIVILEGIOS E OBRIGAÇÕES DOS CLANS

Os clans são ligados entre si por uma rêde de obrigações e direitos reciprocos.

Parece-nos particularmente urgente um estudo extensivo deste sistema de contribuições.

Nossa curta estada entre os indigenas só permitiu determinar três casos incontestaveis em que uma fratria assume obrigação para com a fratria complementar.

Na época da iniciação dos jovens, o chefe da aldeia confia a homens da fratria oposta a deles o cuidado da preparação.

Por ocasião da morte de um indigena, uma caçada coletiva é organizada pela tribu. Esta caçada deve terminar com a morte de determinado animal. E é a um caçador da fratria oposta á do defunto que o parente mais proximo confia os emblemas funerarios e o cuidado de conduzir a expedição a bom termo.

Por ocasião de nossa chegada a Kejara, as cerimonias funebres se iniciavam. Mas a caçada ritual realizava-se justamente no dia em que atingiamos a aldeia. Não pudemos por isso acompanha-la.

Finalmente, as dansas realizadas durante as cerimonias funebres são atribuições de certos clans especializados no seu preparo.

Assim, a festa do Marid'do (1) está sob o patrocinio do clan Ewaguddu e por ocasião da morte do mesmo individuo (Bādejeba) outra cerimonia se realizava, sob os auspicios do clan Paiwe.

---

(1) — O marid'do, tantas vezes descrito pelos viajantes, é uma escada comprida flexivel, cujos degráos são feitos de galhos de palmeiras cortados em pedaços de 25 centimetros mais ou menos; estes pedaços são amarrados com cordas de palmas verdes grosseiramente torcidas. Cada degráo é feito de um feixe de dois (grande marid'do) ou tres (pequeno marid'do) pedaços. A' medida que vai sendo fabricada, é a escada enrolada até formar, a maior delas, um disco de 1,50 de diametro. Os dois flancos são então guarnecidos com palmas verdes, presas numa rede de cordões feitos de cabelos de mulher. O disco é enfeitado na sua parte superior, numa distancia de 50 cent. mais ou menos, com aplicações de penugem. O grande marid'do chama-se Ewaguddu coreo marid'do e o pequeno Ewaguddu kujugoreo marid'do. Não são porém necessariamente os indigenas desse clan que os fabricam. Tempos antes da festa, os dois marid'do são solenemente retirados da Casa dos Homens e transportados para o centro do "boróro" onde são colocados paralelamente, a cerca de dois metros de distancia e sobre o eixo de separação das fratrias.

A dansa do marid'do dura dois dias; cada protagonista se esforça por erguer na ponta dos braços um dos discos e carrega-lo durante o maior espaço de tempo possivel, correndo e pulando.

Os fracassos provocam alegria na assistencia. Durante toda a cerimonia cantam sem parar as palavras seguintes:

ue ure — pé, pé

kaia kaia — pilão, pilão

mano marid'do — dansa do marid'do

cegu'e — nós

ce — queimamos

uoro — o vinho do burití

hu hu — sim, sim

cegiga — nós alegres

Eram portanto clans Tugare que oficiavam nas cerimonias da morte de um Ćera. Mas a fratria Ćera, por sua vez, tambem era obrigada a participar da festa como parceira. "São os Ewaguddu que dansam", dizem os indigenas, "mas os Ćera os ajudam"... Esta dualidade se exprime bem em certas dansas em que os protagonistas, recobertos de folhagens, formam duas linhas que se fazem frente nas duas extremidades do "boróro", partem depois em turbilhão até o campo adverso, cruzam no meio do terreno e param após haver efetuado a permuta dos lugares. Cada campo compreende exclusivamente dansarinos de uma só fratria. Depois das dansas os participantes são copiosamente lavados pelos membros da fratria oposta.

Uma rêde de obrigações mais complexas liga os clans entre si, com a permuta de alimentos consumidos na Casa dos Homens. De duas em duas horas mais ou menos, um homem vindo de sua casa propria traz para o interior do baitemannanage uma grande vasilha coletiva de mingau preparado por sua mulher. Sua chegada é recebida com alegres gritos rituais "aú aú", que rompem estranhamente o silencio da tarde. A seguir, com um cerimonial fixo, o contribuinte vai buscar seis a oito homens e os conduz diante da vasilha onde se servem com suas gamelas de conchas.

Os pormenores do sistema não nos foram fornecidos; pudemos, entretanto, compreender que cada clan está adstrito a certas obrigações para com determinados outros clans; donde o fato de se fornecerem reciprocamente os alimentos, pelo menos entre os homens. Pois, salvo as refeições tomadas no club masculino e as trazidas aos dansarinos no fim das cerimonias, cada familia, em sua casa particular, provê á sua alimentação propria.

Os privilegios dos clans referem-se á posse exclusiva de nomes cançõe, dansas, emblemas e direitos especiais de utilização de certas técnicas, objetos e materiais (1). Tais prerrogativas são bastante estritamente respeitadas. Um indigena, a quem perguntáramos o que impedia um clan de fabricar por conta propria os adornos do clan vizinho, considerou a hipotese perfeitamente inverosimil. Diante de nossa insistencia, disse-nos que os membros do clan se zangariam e infringiriam uma correção ao contraventor; porém incidentes desta ordem ao que parece não ocorrem nunca.

As pranchas 2, 3, 4 e 5 resumem as expressões concretas de organização social que nos foi possivel recolher.

## PRANCHAS II E III

Encontram-se em Kejara tres tipos de arcos:

*O arco comum,* em madeira simples, indiferençado.

*O arco de grande caça.* Identico ao precedente, porém, de um lado e do outro da madeira núa, que a mão esquerda segura, e do sector recoberto de corda para proteção contra a fricção da

---

(1) — Certos objetos rituais só podem mesmo ser fabricados pelas mãos do chefe. Assim o grande diadema de plumas de gavião "Krug'uga". As diliculdades na obtenção de certos materiais, acrescidas ás restrições rituais concernentes ao modo de fabricação, explicam o valor consideravel atribuido pelos indigenas aos objetos cerimoniais.

flecha, é a madeira ornamentada com aneis brancos de casca de palmeira uaguassú (noid'do), fixados por nós de fibras vegetais. O numero de aneis e sua disposição em relação ao meio do arco caraterizam os clans.

Reproduzimos na prancha II tres exemplares pertencentes, da esquerda para a direita, aos clans:

Ki (21/13).

Apibore (38/18).

Bādejeba (3/10).

*O arco de festa.* Como no tipo precedente é a madeira núa, com exceção da trança protetora. O resto do arco está recoberto de ornamentação variavel conforme os exemplares: bandas de penas coladas, aneis de penas ou peles, mosaico de plumas de côres diferentes, etc. Ao longo da madeira são presas, por pares ou unidades, longas plumas de araras ou gaviões. Finalmente, certos exemplares apresentam, na extremidade superior, um ramalhete de penas variegadas. A origem do arco se deduz dos tres elementos seguintes:

1) — natureza e côr do revestimento da madeira;

2) — a) numero; b) repartição; c) natureza e côr das penas prêsas á madeira;

3) — natureza das penas ou emblemas colocados no ramalhete da extremidade superior.

Assim, certos arcos do clan Bakoro comportam, no meio das penas da extremidade, uma pequena fita de madeira recoberta com uma trança de fio preto e espinhos de porco-espinho, cuja técnica é seu privilégio.

A prancha III mostra quatro "formulas" de arcos de festa que são, de alto para baixo:

I) — Não identificado; comprimento 1m. 52. Madeira recoberta com pequenas penas vermelhas coladas com resina; dos lados, duas cristas de penugem branca, cortadas ao meio.

Legenda: br — penas de arara azul (bleu) e vermelha (rouge);
vr — penas de arara verde e vermelha;
bj — penas de arara azul e amarela (jaune);
bn — penas de gavião em zonas alternadas, branca e preta (noir);
J — penas de tucano, côr amarela.

II) — Clan Āróre: comprimento 1m. 62. Madeira recoberta com penas vermelhas coladas. Todas as penas pendentes são prêsas por pares. Ramalhetes de pequenas penas de papagaio, vermelhas e amarelas, com cinco longas plumas emblematicas.

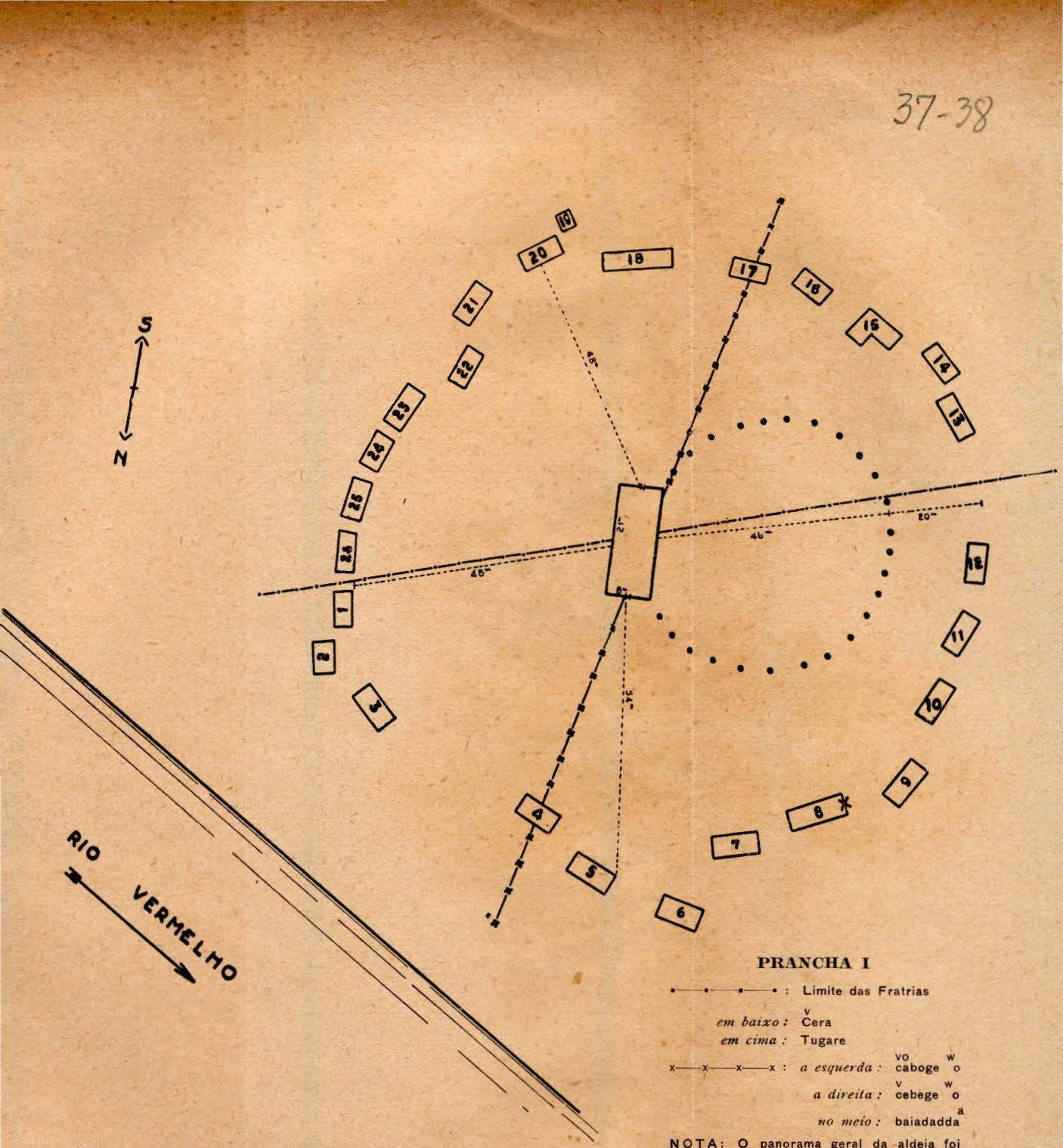
Legenda: b — azul; r — vermelho;
br, bj, bn — como acima.

3) — Clan Āróre (cebege ō); comprimento 1m. 62. Madeira recoberta com aneis alternados de penas coladas pretas, amarelas e vermelhas.

Legenda: r, bj, br. — idem.

4) — Clan Čiba Čera: comprimento, 1m. 50. Madeira recoberta de penas vermelhas coladas, com aneis de penugem branca. Penas prêsas de modo assimetrico por pares e unidades.

Legenda: br, bj; idem.




## PRANCHA I

•——•——•——• : Limite das Fratrias

*em baixo :* Cera$^{v}$

*em cima :* Tugare

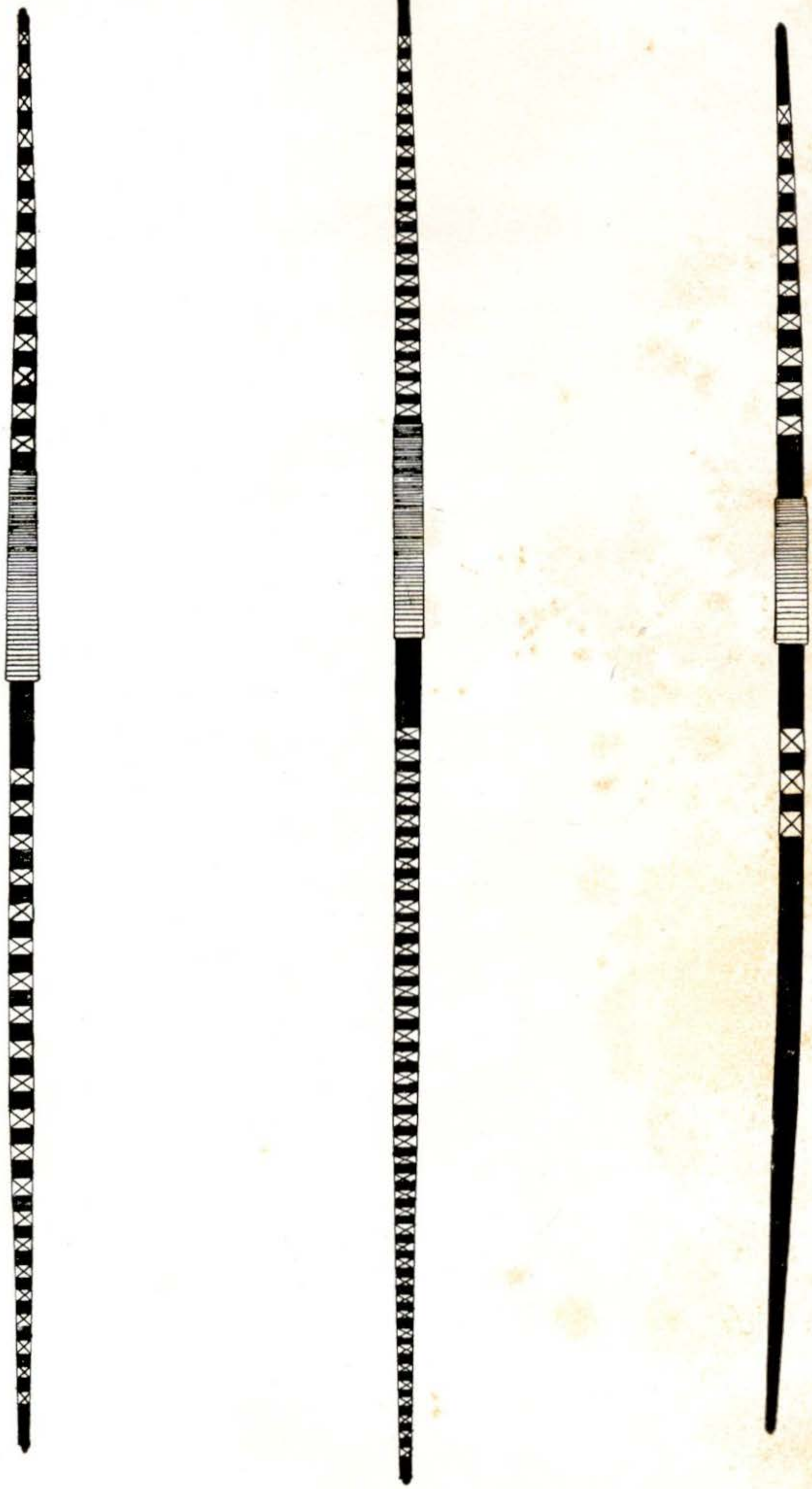
x——x——x——x : *a esquerda :* caboge$^{vo}$ o$^{w}$

*a direita :* cebege$^{v}$ o$^{w}$

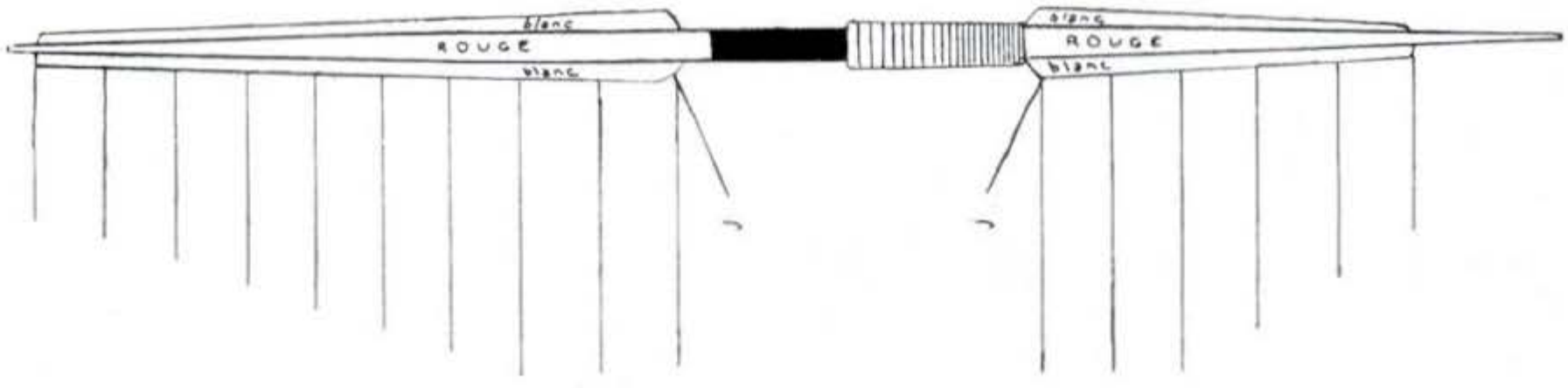
*no meio :* baiadadda$^{a}$

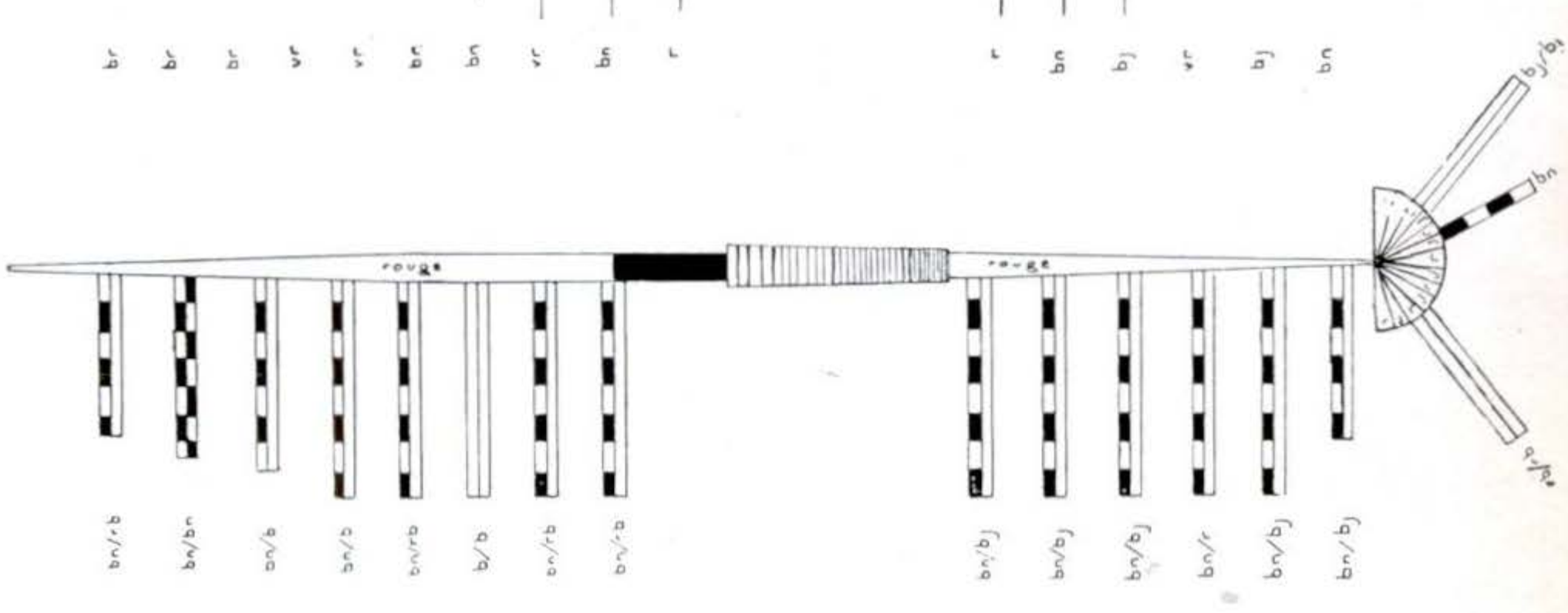
NOTA: O panorama geral da aldeia foi fotografado do ponto X

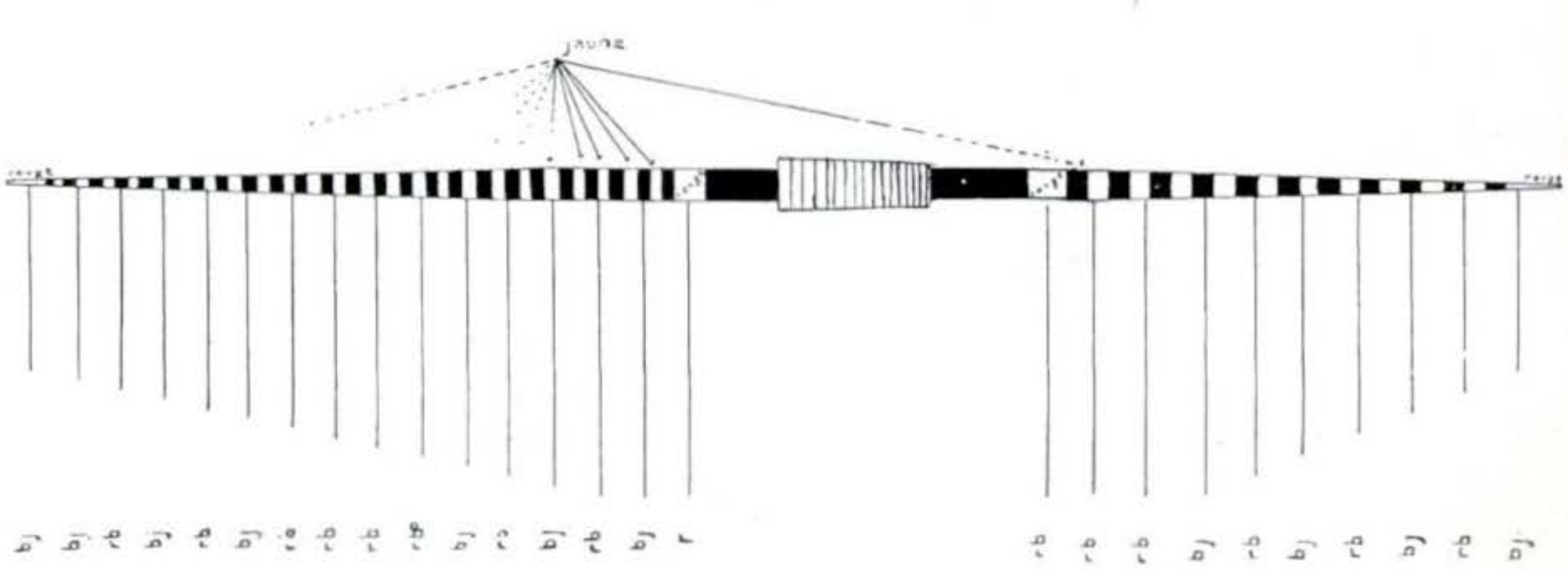
Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

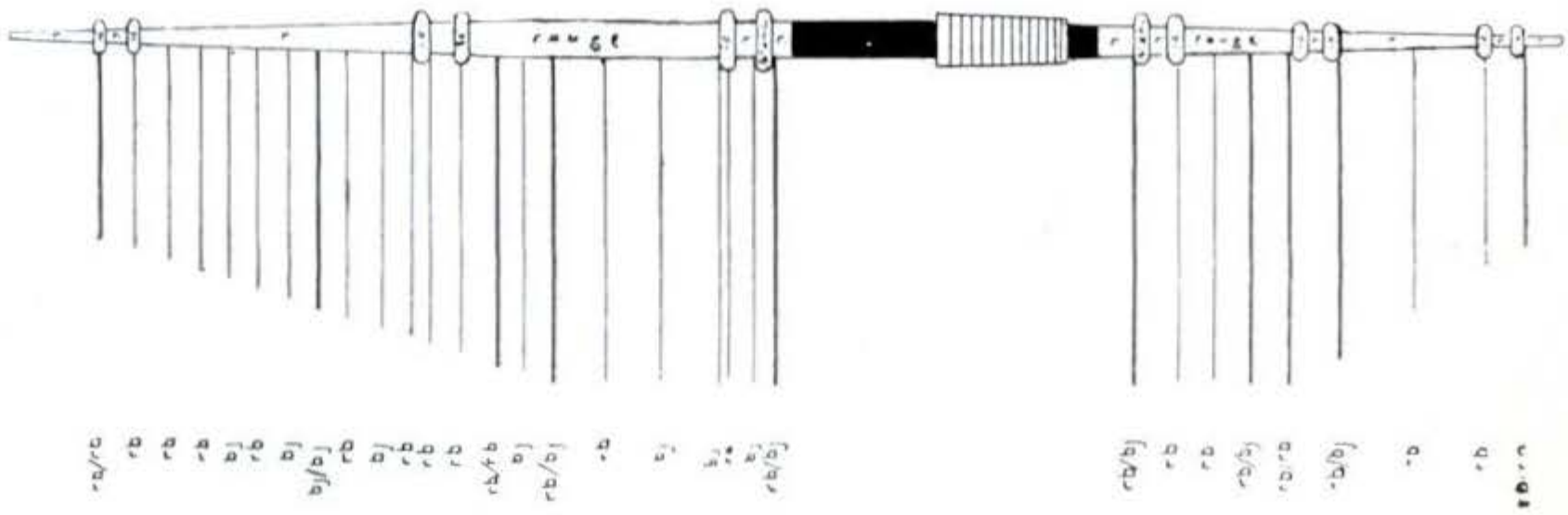


PRANCHA II



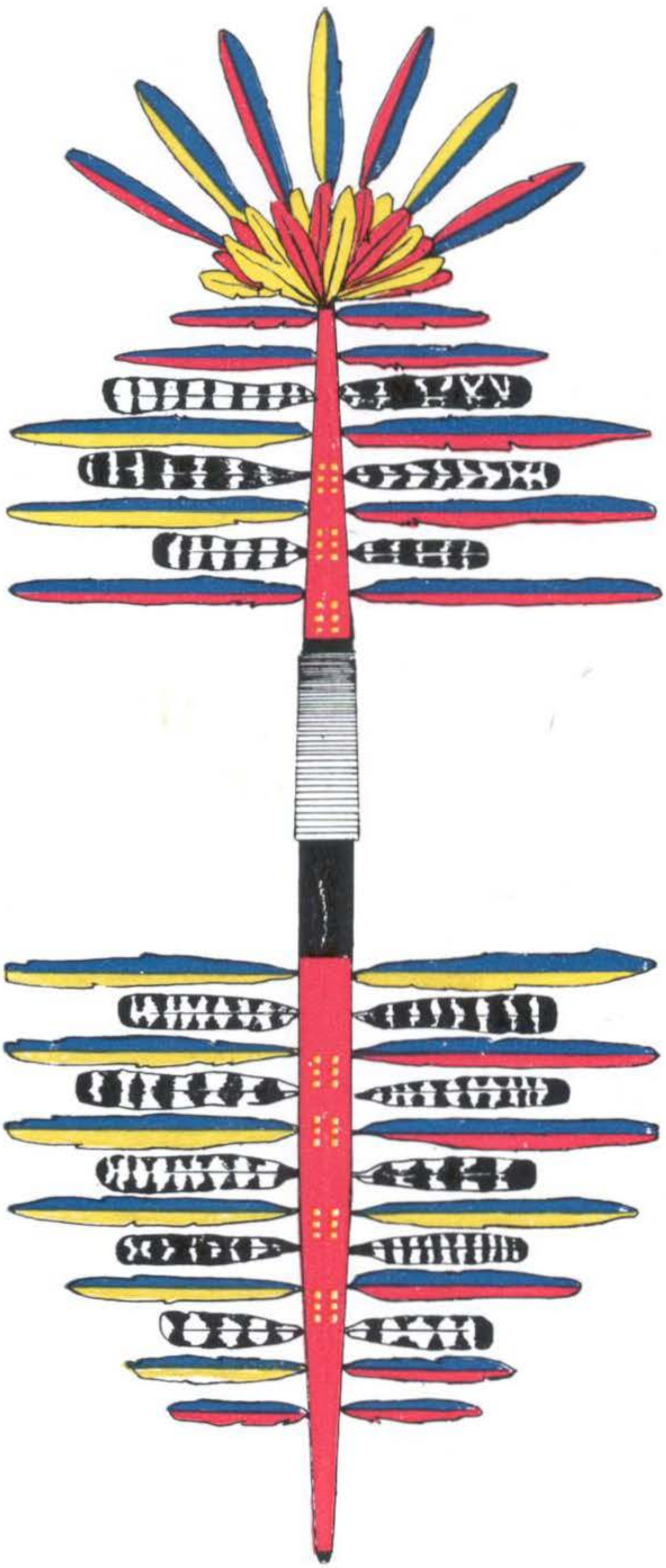



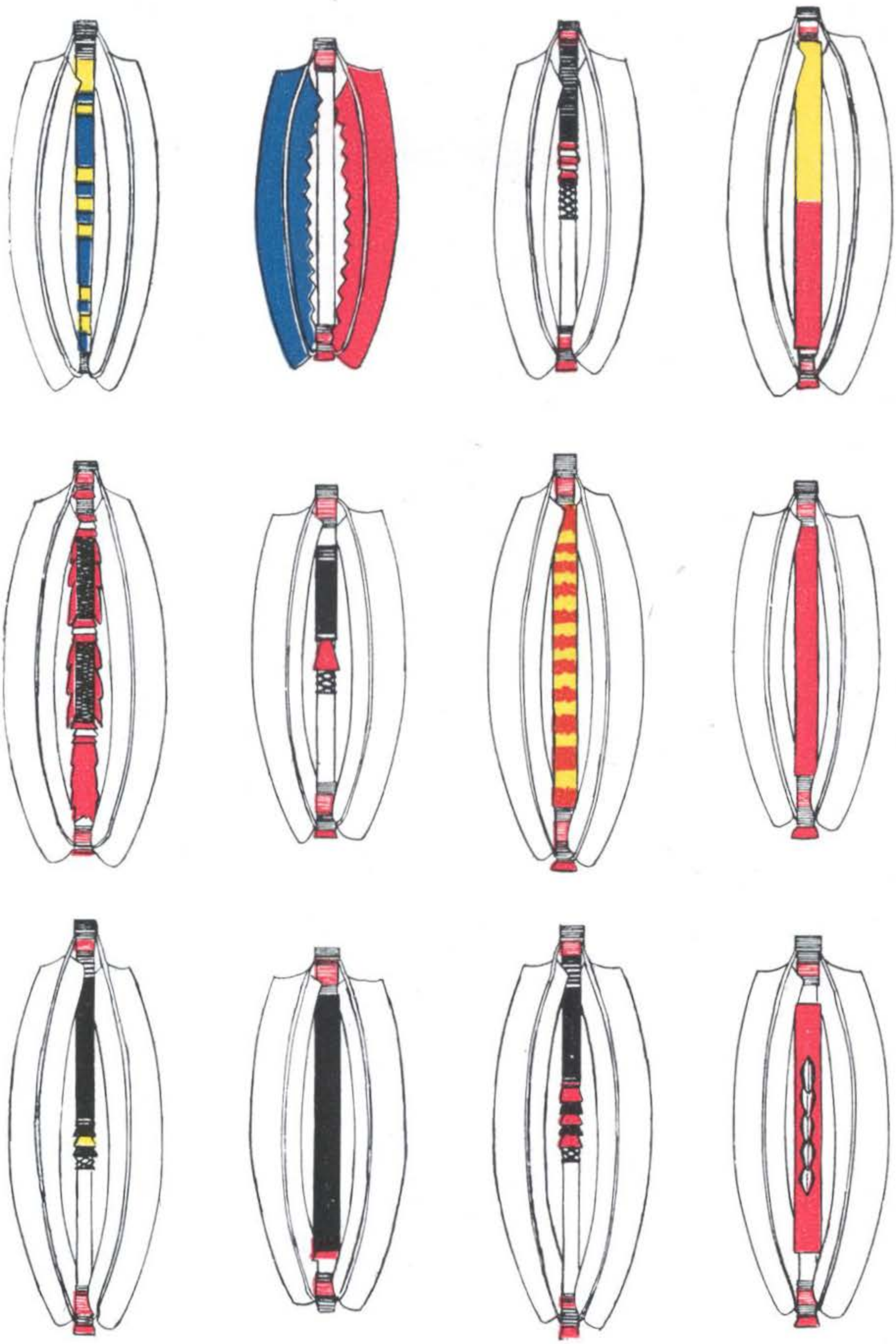

PRANCHA III

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org



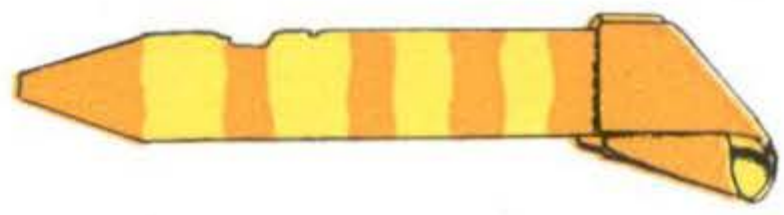
PRANCHA III — bis

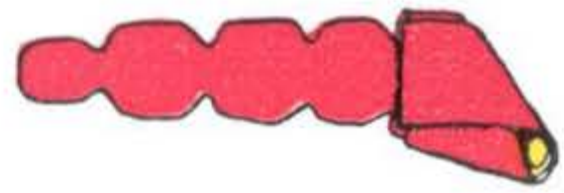
Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org



PRANCHA IV

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org





PRANCHA V

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

## PRANCHA III-BIS

Um exemplar do clan Ẽwaguddu dá a formula seguinte:

Madeira recoberta com penas vermelhas coladas com incrustações na face interna de pequenos quadrados de penas amarelas (metade inferior, quatro grupos de seis; metade superior, três grupos de seis). Ramalhete da extremidade de pequenas penas de papagaio amarelas e vermelhas, com sete plumas de arara: br, bj, br, bj, br, bj, br. Todas as penas ornamentais prêsas por pares. Metade inferior: br, br-bj, br-bn, bn-bj, br-bn, bn-bj, bj-bn, bn-bj, br-bn, bn-bj, br-bn, bn-bj, bj. Metade superior: br, br-bn, bn-bj, br-bn, bn-bj, br-bn, bn-br, br-br, br.

## PRANCHA IV

As flechas utilizadas na aldeia Kejara pertencem a quatro tipos:

flechas-arpões — para a pesca, indiferençadas;

flechas para macacos, com pontas de osso afiado, cobrindo a madeira, indiferençadas;

flechas para onças, subdivididas em dois tipos;

1) — pontas de madeira dentada; uma fila de dentes indica os Cera, duas os Tugare;

2) — ponta talhada em faceta funda em forma de goteira. A maioria das flechas para onças traz na extremidade inferior, entre as penas do feixe, uma decoração como distintivo do clan do proprietario. São, de alto para baixo, e da esquerda para a direita:

1) Paiwe; 2) Kario Bokodori; 3) Ewaguddu (?); 4) Apibore kujagoreo; 5) Bóro Cera; 6) Ki; 7) Apibore; 8) Bādejeba (Bakoro); 9) Āróre; 10) Kōge Cera; 11) Bokodori — Ciba Cera 12) Āróre.

Os numeros 1) e 8) são decorados com pedaços de penas coladas. Os numeros 6), 10), 11) e 12), são revestidos de pequenas plumas ligadas ou coladas pela base. Os numeros 3), 5), 7) e 9) são ornados de pequenos tufos de côres de rebarbas de pena.

A madeira do numero 4) é núa, e o distintivo clanico é caracterizado por entalhes recortados nas penas do feixe. Tal processo, aliás, é raramente usado.

O numero 2) é revestido de uma trança de fio negro e de espinhos de porco-espinho, enfeitada com penas vermelhas e tufos de rebarbas de penas vermelhas e brancas. Esta combinação se encontra na maioria dos objetos do clan Bakoro e Bóro, que, sem duvida, a recolheu depois do desaparecimento dos Bādejeba Bokodori e a utilisa hoje de preferencia á propria formula, (8).

Os numeros 9 e 12 são duas variantes das côres Āróre (vermelho e preto). Tais variações são extremamente frequentes. Cada individuo interpreta a seu modo a formula de seu clan.

As côres azul e amarela (1) separadas ou reunidas, caracterizam em geral o clan Paiwe. Mas o distintivo deste clan parece residir menos no emprego de certas côres do que num certo processo de distribuição das côres em tiras alternadas iguais ou de comprimentos diferentes. Assim, um adorno de osso de peixe recoberto com penas do clan Paiwe apresenta a seguinte distribuição (tiras estreitas em minusculas — largas em maisculas).

Bleu — rouge — bleu — rouge — bleu — rouge — Bl — j — b — j — b — j — B — j — b — j — b — j — B — r — b — r — B.

Encontra-se o mesmo processo decorativo numa trombeta Paiwe destinada a cerimonia, de côres alternadas vermelho, amarelo, azul, preto e branco.

## PRANCHA V

Os Bororo de sexo masculino vivem completamente nús, com exceção de diversos adornos e do laço do penis (bá). Este acessorio indispensavel é feito com uma fita de fibra de palmeira, de 50 centimetros mais ou menos, enrolada sobre si mesma num comprimento de 10 cents. e depois laçada duas vezes de modo a formar um anel conico aberto na extremidade. O anel recobre a ponta do penis e o prepucio, puxado para fóra pela abertura terminal, forma um rolete saliente que mantém o conjunto. Uma vez for-

mado o duplo anel, ainda sobra um pedaço livre de fita, de 8 a 16 cents.; o pedaço é cortado junto do anel no *bá* de uso comum. (Fig. 13). Nos dias de festas, ao contrario, os homens fabricam e usam aneis especiais, cuja extremidade é recortada, pintada e enfeitada com penugem ou penas, de modo a formar uma especie de pequena bandeira, caracteristica do clan do proprietario (fig. 14).

Reproduzimos na prancha V dezoito exemplares de aneis pintados em vermelho e preto (grãos de urucú esmagados em oleo de peixe e resina kid'doguru), com aplicações de penugem branca. São, de alto para baixo:

A' esquerda

1) sem marca
2) não identificado
3) C̆iba C̆era
4) não identificado
5) K̄oge C̆era
6) Paiwe kujagoreŏ
7) B̄adejeba bo'pokejewo
8) Paiwe c̆oreŏ
9) (Bokodori) ou (Ė̆waguddu) baiaddadă.

A' direita

10) Ārór̆e cebege w̄o
11) Ārór̆e
12) Ki
13) Ė̆waguddu c̆aboge w̄o
14) Bakoro
15) Bór̆o C̆era
16) Apibore
17) Ė̆waguddu
18) não identificado

O numero 12 representa um dos epónimos do clan Ki, a onça parda. O n.º 7 aféta quiçá a forma do jacaré, epónimo dos B̄adejeba.

Não existe, pois, quasi nenhum objeto que não exprima, cada qual á sua maneira, a situação social do proprietario. E' o caso do pendentif labial, de que existem tres tipos: o rigido, em forma de agulha, feito de osso, resina endurecida ou, desde que podem os indigenas obter cartuchos usados, de cobre batido, parece ser privilegio de um unico clan (1); outra forma, em madeira recoberta de penas, em trança ou fragmentos de conchas, terminando na extremidade inferior por um penacho, indica o clan pela côr ou natureza da ornamentação; finalmente, o ultimo tipo é constituido por um rosario de fragmentos meúdos de madreperola ou osso. A forma dos fragmentos — quadrada, ovóide, redonda, pisciforme, etc. — seu tamanho e numero, revelam então a origem. A figura 15 representa um indigena Čiba Čera em costume de festa, com o adorno nasal, privilégio exclusivo dos Bokodori-Čiba-Koge, e o pendentif labial de seu clan.

O distintivo clanico dos grandes pendentifs de unhas de tatú-canastra é constituido pela côr da franja central de algodão, o numero e forma dos fragmentos de madreperola incrustados na armatura de resina. Os diademas de plumas têm a marca (analoga á das flechas) numa fita de madeira colocada entre penas. As corôas são caracterizadas pela côr e a materia (assim os Paiwe usam uma bandagem preta, de pele de macaco, com penas amarelas e os Bakoro penas vermelhas montadas numa trança de espinho de porco-espinho; os Bokodori penas amarelas e vermelhas. Estas côres se encontram tambem no birote de penas, nas trombetas de cerimonias ("ika" e "poari"), diversos adornos de corpo

(1) — Todos os exemplares de cobre recolhidos pertencem ao clan Paiwe.

e cabeleira, nas flautas, muitas vezes recobertas de penas (pretas e brancas nos Ki); os diademas de unha de onça distinguem-se pelo tamanho e a distancia entre os dentes.

Um privilegio importante, já não màis de clan, porém de fratria, reside no direito exclusivo de Čera, a fabricação de "bull-roarers". O termo "ait'e" designa a um tempo este instrumento, um animal fabuloso que vive no fundo dos rios e talvez uma certa forma de pintura do rosto. Numa destas ultimas formas o "ait'e" faz parte do patrimonio dos Āróre que são, no entanto, Tugare. Na nossa lista das familias de Kejara não mencionamos o nome ás vezes empregado na nossa presença para designar o Āróre čebege ̄o (N.º 13), isto é "ait'e areme", "as mulheres do "ait'e". E' o unico caso em que vimos estabelecer-se uma ligação entre o elemento feminino do clan e seus emblemas (1).

(1) — Espressão tanto mais curiosa quanto pensam — ou dizem — os Bororo que a mulher que vê "bull roarer" morre. A crença ainda permanece viva. Na primeira vez que vimos fabricar "bull roares", por ocasião das festas funerarias, em que estes instrumentos têm papel importante, responderam os indigenas ás nossas perguntas afirmando que se tratava de "utensilios de cosinha". Após interminaveis negociações levadas a efeito por intermedio dos homens de confiança, resolveram confirmar sua natureza real e vender-nos os exemplares já fabricados. Não porém, sem nos terem antes revelado as consequencias tragicas de uma imprudencia nossa.

Para receber os objetos foi necessario irmos á noite á casa dos homens, com toda a nossa provisão de barbante, papel e sacos. O acondicionamento foi efetuado pelos proprios indigenas, que controlaram a colocação dos volumes no fundo das malas. E na hora da partida, como deviam um indigena e sua mulher acompanhar-nos durante alguns dias, as mesmas recomendações nos foram renovadas, exigindo-nos a promessa de não abrir as malas antes de Cuiabá.

Enfim, é impossivel estudar a repartição dos direitos e obrigações entre os clans e as fratrias, sem levar em conta o fato de, através desta variedade de estatuto social, se maner uma estricta divisão do trabalho entre os sexos. As mulheres cultivam a terra, preparam os alimentos, ocupam-se da tessitura e da ceramica; acendem o fogo, mastigam a casca que lhes serve para cobrir as partes sexuais. Os homens caçam e pescam, constroem as habitações e executam os trabalhos de carater artesanal. Nunca vimos fiar. Todas as tarefas masculinas são realizadas na Casa dos Homens, que tem o aspecto de uma vasta oficina. Dois trabalhos unicamente se executam na casa familiar: a depilação da região frontal das mulheres que fornecem o cabelo utilizado na confecção de cordas e diversos adornos, e a tessitura das estreitas fitas de algodão, que as mulheres casadas usam nos tornozelos, nos punhos e nos braços e são feitas sempre pelo marido na casa particular.

## LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

**Figura 1** Tipo de homem — Tonkod'da — 25 anos — Alt. 1m723 — I. C. 84,65.

**Figura 2** Um casal.

**Figura 3** O "Baitemannage," porta dos Tugare.

**Figura 4** O fecho do circulo das casas. No primeiro plano, a cabana O Cera cebege o, escondendo em parte uma cabana Ki. No segundo plano, da esquerda para a direita as cabanas Ki kujagoreo, Bokodori cebege o, Bokodori-Koge baiaddada.

**Figura 5** Vista geral de aldeaia Kejara. A vista foi tirada do angulo oeste do teto da cabana n.º 8 (0). A primeira casa que se vê á direita é a de n.º 10; a primeira á esquerda, é o n.º 4. As casas 5, 6, 7, 8 e 9 estão, portanto, atraz do fotografo. A ultima casa vista á esquerda da Casa dos Homens é a de n.º 23. A ultima da direita é a de n.º 20.

**Figura 6** Duas mulheres Bororo, com indumentaria de festa. A que está mais para traz ostenta a "barrete" que não conseguimos adquirir.

**Figura 7** A mesma vista de costa, com seus colares, sinal de grande riqueza.

**Figura 8** O pessoal da aldeia á espera de uma cerimonia.

**Figura 9** Saída do "marid'do".

**Figura 10** O "marid'do coreo" e o "marid'do kujagoreo".

**Figura 11** Dansa do clan Ewaguddu.

**Figura 12** Dansa do clan Paiwe. Os adornos guarnecidos de folhas de palmito são chamados "paiwede".

**Figura 15** Os tres objetos usados por este indigena são caracteristicos do clan: O adorno nasal, o adorno labial, o diadema cuja marca se parece no meio das penas (Ciba Cera).

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

• FIGURA 1 •

• FIGURA 2 •

• FIGURA 3 •

• FIGURA 4 •

61-2

• FIGURA 5 •

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

• FIGURA 6 •

• FIGURA 7 •

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

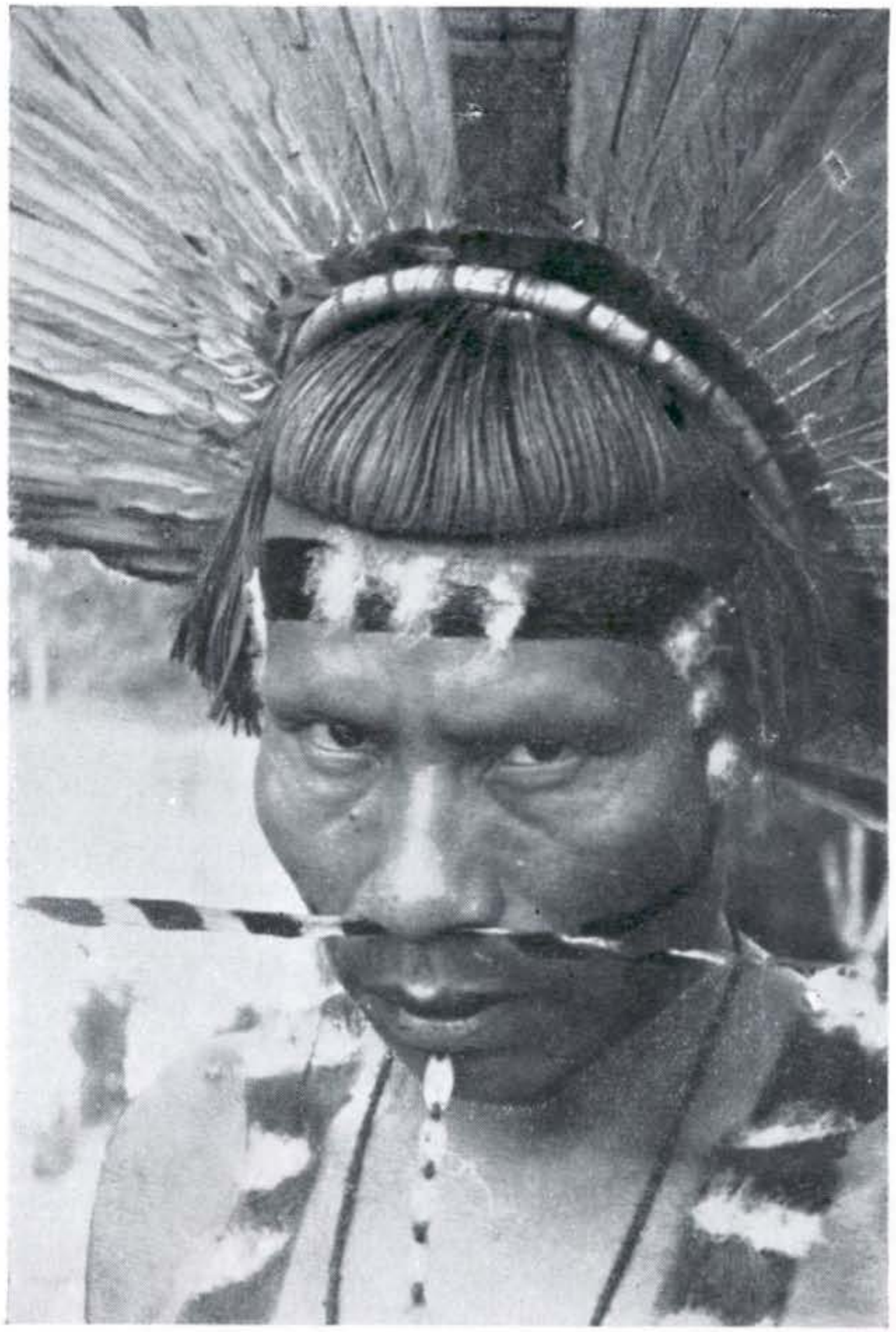
• FIGURA 8 •

• FIGURA 10 •

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

• FIGURA 9 •



• FIGURA 15 •

• FIGURA 11 •

• FIGURA 12 •

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

• FIGURA 13 •

• FIGURA 14 •

## NOTA I

Ter-se á observado que os clans e sub-clans, em sua grande maioria, usam nomes de animais ou vegetais. E' o que ocorre com quatro clans Tugare e seis dos oito clans ou sub-clans Cera. Poder-se á, em consequencia, pronunciar a palavra totemismo? E' muito duvidoso. Com efeito os indigenas não mantêm nenhuma relação com os seus epónimos. Não lhes manifestam nenhum respeito, suas relações não têm nenhum caráter mistico, não existe proibição alimentar, e as raras cerimonias que se realizam por ocasião da matança de certos animais parecem sem relação com o sistema social. O animal epónimo é morto e comido livremente.

Por outro lado a escolha dos epónimos não se faz esclusivamente dentro do reino vegetal ou animal. Um herói é as vezes invocado. Assim Bakororo para o clan Bakoro e Bokodori que dá nome ao clan extinto Kario Bokodori. E' pelo nome de um objecto manufaturado, o pendentif labial, que os Bóro são designados. A natureza inanimada é tambem utilizada, pois a água é um dos epónimos dos Badejeba.

As relações dos clans com seus epónimos está muito claramente marcada no folclôre indigena. A coletânea de narrativas e lendas, que constitue a segunda e mais preciosa parte da obra do P. Colbacchini (1) dá-nos uma serie de informações que basta analisar. Em todos os casos é o mesmo processo: a adoção de um nome é o resultado de uma revelação individual passada para o patrimonio co-

---

(1) — D. A. Colbacchini — I Bororos Orientali, Torino, Societá Editrice Internazionale, s. d.).

letivo do clan. Um dia, um membro de um clan encontra um animal que lhe demonstra, por um grito especial e gutural, que não é um animal vulgar, porém pertence á "sociedade espiritual". (1) Esta revelação indica talvez que a alma do beneficiario viverá, depois depois da morte do corpo, sob a forma do animal encontrado. Não nos apressemos, porém, em falar de metempsicose, pois não é bem a alma que deve transformar-se em animal mas sim a natureza espiritual da alma, a qual, para tornar-se conhecida do individuo, escolhe uma encarnação particular, o mais das vezes animal, mas que póde ser tambem o sól, a lua, ou qualquer outro intermediario sensivel. Como quer que seja, o individuo que recebe a revelação adota sempre o nome do intermediario, "O ibis será meu", "chamar-me-ei a grande arara", etc.

A adoção, pelo clan, do nome assim escolhido por seu illustre antepassado, comemora, pois, a titulo permanente, os milagres de que se vangloriam os descendentes como se foram titulos de nobreza. Assim o nome "merit' awara" (o caminho do sol) e "meriri kurigeo" (a grande luz), que encontrámos no sistema de uniões preferenciais, pertencem, respectivamente, um ao clan Bādejeba, outro ao clan Paiwe, em virtude de uma lenda de que se encontra versão em Colbacchini:

O indio Paiwe Rikkubugu, indo um dia á caça, encontrou o sol e a lua no caminho das almas. Apavorado, foi contar o acontecimento a seu pai, o Bādejeba Bakorokuddo e ambos voltaram ao local. O beneficio dessa experiencia commum mistica, provocou grande discussão entre pai e filho, sobre seus direitos respectivos á comemoração e cada um reivindicou os nomes melhor indicados para ilustrar o incidente.

Póde com efeito haver competição ou rivalidade entre membros de clans diversos. E' o que se manifesta na origem dos O Cera. O P. Colbacchini não assinala a existencia desse clan que parece não ter sido encontrado no rio das Garças, mas foi uma lenda de sua coletânea que nos permitiu estabelecer (o que nos foi confirmado pelos indigenas) que o clan O Cera, que ocupa 2 casas na aldeia

---

(1) — O termo "Aroe", que traduzimos assim, significa ao mesmo tempo a sociedade dos homens adultos com acesso ao Baitemannanage e a parte do individuo que subsiste depois da morte.

**Kejara (n. 8 e n.9) provém de uma sub-divisão dos Bādejeba cebegeō. Ipareceba, dos Bādejeba cabōgeō, viu um ibis negro que lhe revelou sua natureza espiritual. Mas, dias mais tarde, seu colega Bādejeba cebegeō teve a mesma revelação de um ibis vermelho. Discutiram ambos sobre a posse do Ibis e acabaram repartindo entre si as duas especies. A sub-determinação dos pretos e vermelhos, que assinalámos a proposito de outros clans, tem provavelmente por origem arranjos amigaveis do mesmo genero. A competição é entretanto excepcional, pois num mesmo clan um numero ilimitado de individuos pode ter experiencias misticas. Encontra-se, pois, menos pobreza que riqueza, menos raramente uma repartição de epónimos do que uma verdadeira capitalização de nomes simbolicos lembrando identico numero de milagres ancestrais. O P. Colbacchini conta 18 para os Paiwe, 4 para os Bokodori, 6 para os Ki, 3 para os Bādejeba, 7 para os Āróre, 5 para os Ewaguddu, 8 para os Apibore, etc.**

**Não chegámos a numero tão grande, mas, como o mais das vezes os que recolhemos no rio Vermelho não são os mesmos obtidos no rio das Graças, provavel é que o seu numero verdadeiro, exprimindo o conjunto das divérsas tradições locais seja muito mais elevado. Entre esses nomes, de resto, nem todos exprimem tradições rigorosamente identicas. Si os Paiwe aludem ao milho, algodão, resina e tabaco, é que essas plantas nasceram das cinzas de uma creança milagrosa com forma de serpente, concebida por uma mulher Paiwe. Está-se por conseguinte em presença evidente de uma rememoração de acontecimentos magicos, no sentido mais geral do termo. Donde a inutilidade de procurar, para a origem do epónimo do clan, outras explicações que não a que se aplica á coleção de nomes e emblemas clanicos. O epónimo não é de natureza particular. Recorda apenas o acontecimento de maior relevo, razão pela qual tanto se encontra um nome de heroi ilustre, quanto de animal, planta ou objeto. Determinado clan se vangloria de ter trazido á colectividade, o tabaco, como outro póde lembrar que seu antepassado é o inventor do adorno de labio. Mais ainda: o acontecimento nem sempre é suficientemente marcante para que seja aceito pela unanimidade dos membros do clan ou dos concidadãos heteroclanicos. Daí numa aldeia a utilização dum nome não empregado alhures. Daí a divisão secundaria do clan.**

A expressão maxima do sistema seria pois a seguinte: uma doutrina filosofica baseada na crença da reencarnação das almas sob forma animal, que toma para certos individuos o valor duma revelação pessoal celebrada por seus descendentes sob a forma dum nome comemorativo. E' possivel que os Ciba Cera, por exemplo, tenham sido levados a estender a todos os seus descendentes a experiencia de um antepassado ilustre e tenham imaginado que todos se destinavam a reviver na forma da arara vermelha. Mas não nos foi possivel discernir nos Ewaguddu a crença na sobrevivencia, na palmeira buritĺ. Talvez tambem se deva adotar uma hopótese diversa: o mito do antepassado, e de seu milagre como explicação retrospectiva para entendimento de uma crença encarnacionista colectiva. Seria de mais alto interesse saber si as experiencias relatadas nas lendas pertencem definitivamente ao passado ou se os indigenas as consideram susceptiveis de se renovarem.

Num caso somente encontrámos, pelo menos em aparencia, os caractéres do totemismo. Todos os camponeses brasileiros, que vivem ou viveram em contato com os Bororo, sabem que a estes repugna extremamente comer carne de veado, embora se assinalem de quando em vez, casos excepcionais. Ora, a coletânea do P. Colbacchini traz uma versão do mito do diluvio, em que se vê o unico Bororo sobrevivente desposar a femea do cérvo, união de que nasceram seis gerações de hibridos, em que os caráteres animais, predominantes na origem, se apagaram progressivamente, até chegar ao tipo humano. Mas o animal da lenda parece nitidamente individualizado entre as variedades dos tipos de veado, ao passo que a proibição tem um caráter bastante vago; de mais a mais, esta seria geral ao passo que o Pobogo (veado da floresta) só aparece no nome do clan Paiwe.

## NOTA II

Estes epitetos não devem, evidentemente, ser aceitos sem controle. Os indigenas podem perfeitamente ter achado comico descrever um clan de nome prestigioso como miseravel. Mas o mesmo testemunho nos foi dado por varios informadores e a realidade parece confirma-lo: as quatro cabanas Bādejeba tinham aspéto bas-

tante miseravel e nelas não se viam adornos pendurados nas paredes, como na maioria das outras habitações. Talvez seja possivel interpretar esta contradição aparente.

Segundo os missionarios salesianos, (1) em contato permanente com os Bororo do rio das Graças ha cerca de trinta anos, a fratria Cera comportava, na época de sua chegada na região, sete clans, sendo dois Bādejeba, um Bādejeba Cavoge wo ou Kario Bokodori a e outro Bādejeba Cevege wo ou Bakorokuddu. Estes dois clans ocupavam as duas extremidades do hemiciclo dos Cera v e forneciam um chefe cada um, que governavam a aldeia em colaboração. O Bādejeba Cevege wo ocupava, entretanto lugar preponderante.

Ou por ter sido a organização social no rio Vermelho sempre diferente, ou por ter havido revoluções politicas durante estes ultimos anos, a situação de Kejara não se assemelha senão de longe á precedentemente descrita. Como vimos, a divisão em Cevege wo e Cavoge wo se processa em relação com a direção do rio, ao passo que no rio das Garças se explica, parece, por uma diferença de nivel do terreno. Mas, aceitando-se como historica e localmente exáta a descrição do P. Colbacchini, duas grandes diferenças devem, principalmente, ser observadas: o desaparecimento dos Bādejeba Bokodori e a fragmntação e deslocamente parciais dos Bādejeba Bakororo.

Sem que lhes perguntassemos, expuzeram-nos nossos informadores a distribuição dos clans na aldeia, assinalando a localização do clan Kario Bokodori a (entre o numero 2 e o numero 3 ou entre o 3 e o 4). O clan estava extinto desde época relativamente recente, pois ainda existiam em circulação na aldeia objétos com seu distintivo. Anterior ou posteriormente ao desaparecimento, uma profunda transformação ter-se-ia processado nos Bādejeba, Bakorokuddu. Um grupo de familias, entre as quais a do chefe principal, deslocou-se, sem duvida, para rio acima, vindo a ocupar assim o local, já então livre, dos Bādejeba Cavoge wo. Deste modo se explica a existencia, o nome e a localização dos clans Bakoro e Bóro. Embora o termo Bādejeba nunca seja empregado para designa-los, não hesitamos em identifica-los por tres motivos: o clan Bakoro é o de Tusawa v, chefe dos Bororo; o nome Bakoro é contração de Bakororo, nome primi-

(1) — Colbacchini op. cit.

tivo do clan; finalmente o epiteto Bóro comemora um acontecimento importante na existencia de herói Bakororo inventor do adorno labial e de todos os outros adornos. Mas não se deslocou o inteiro clan B̄adejeba Bakororo. Uma parte — e a mais importante numéricamente — ficou no lugar; os processos de fragmentação atingiram-na entretanto igualmente. A nordeste dos B̄adejeba Cebege ō encontram-se, efetivamente, duas choças O Cera e já provámos a origem B̄adejeba Cebege ō deste clan.

Tudo ocorre pois como si, em consequencia de acontecimento desconhecido — talvez a extinção dos chefes de rio acima — o clan dos chefes de rio abaixo se houvesse dividido em tres partes. Um, primeiro grupo de familias, por sua vez sub-dividido em Bakoro e Bóro, teria vindo ocupar o lugar do clan extinto; ao separar-se de seu clan de origem, teria levado consigo a prerrogativa essencial, a saber, a de dar o chefe principal, mais tarde transformado em chefe unico.

O resto do clan, continuando a ocupar a extremidade oeste do hemiciclo Cera, ter-se-ia igualmente dividido. Um grupo de familias teria constituido seu clan proprio em torno do emblema do ibis, animal celebre nos anais do clan. As familias restantes teriam conservado o nome e o local tradicionais.

A ser exata a hipótese, deve admitir-se que os grupos em scisão se repartiram entre si os privilegios do clan. Compreende-se assim que os Bakoro — Bóro de um lado, e os O Cera e outro — possuam numerosos adornos ao passo que os B̄adejeba Cebege ō deles se achem completamente desmunidos. Por este motivo descrevem-nos os indigenas ( e em verdade o são) como extremamente pobres. Como exemplo dizia-nos um informador que "só tinham um tipo de arco"... Assim se explica igualmente que Tusawa tenha "recentemente" mudado sua casa para fora da aldeia, na outra margem do rio, achando-se seu clan cortado em três partes, e que ao mesmo tempo conserve o direito de propriedade sobre uma casa O Cera onde tem sempre seu leito. Outra razão tende a mostrar que tais transformações são recentes; as quatro casas do clan B̄adejeba Cebege ō eram habitadas por anciãos ao passo que os novos clans Bakoro, Bóro, O Cera, compreendiam elementos muito mais jovens. Os indigenas indicavam como epónimo dos B̄adejeba Cebege ō o jacaré, considerado, no folclôre, o animal dos velhos.

## BIBLIOGRAFIA

Limitamos voluntariamente este trabalho (com exceção das duas notas) á exposição de uma documentação colhida in loco. Para um estudo mais completo, poder-se-ão consultar as obras e artigos seguintes.

**K. VON DEN STEINEN:** Unter der Naturvölker Zentralbrasiliens, Berlin 1894

**D. A. COLBACCHINI:** I Bororos Orientali, Turin s. d.

**D. A. COLBACCHINI:** A Tribu dos Bororos, Rio de Janeiro 1919

**R. WAEHNELDT:** Exploração da Provincia de Mato Grosso, Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geografico do Brasil, T. XXVI, 1.a parte, 1864.

**HERCULES FLORENCE:** Esboço da viagem de Congador etc... (continuação) Revista Trimestral, etc... T. XXXVIII (2.a parte) 1875.

**KOSLOWSKI:** Algunos Datos sobre los Indios Bororos, Revista del Museo de La Plata 1895, T. VI

**F. R. MELO REGO:** Indios de Mato Grosso, Revista Brasileira. 1895

**W. A. COCK:** The Bororo Indians of Mato Grosso, Smithsonian Institution Vol. IV, num. 1703, Washington 1907

**FRIČ & PAUL RADIN:** Contributions to the Study of the Bororo Indians, The Journal of the Royal Anthropological Institute 1906

**PETRULLO.** Primitive People of Mato Grosso, The Museum Journal XXIII, Philadelphie 1932

**TONELLI:** La Provenienza degli Indi Bororo Orientali, Atti X del Congresso Geografico Italiano, Milan 1927.

**TONELLI:** Alcune Osservazioni sulla Sintassi della Lingua degli Indi Bororo-orari etc... XXII C. I. A. Roma 1926-1928.

**TONELLI:** Il Nome dei Vivi e dei Defunti presso gl'Indi Orari del Mato Grosso, Sonderdrucke aus der Wilh.-Schmidt-Festschrift, St. Gabriel Mödling.

**BARBOSA DE FARIA.** Tintas Usada pelos Indios Bororos, Bol. do Mus. Nac. do Rio de Janeiro, 1925

**MISSÃO SALESIANA:** Elementos de Grammatica et Diccionario da Lingua dos Bororos, Cuiabá 1908.

**X. DE VILLEROY:** Apontamentos sobre a Linguagem do Indio Coroado-Bororo Rev. da Soc. da Geog. de Rio de Janeiro 1891

**J. A. CALDAS:** Vocabulario da Lingua Indigena dos Bororos Coroados Cuiabá, 1899

**J. A. CALDAS:** Apontamentos para a Organização da Grammatica Bororo Arq. do Mus. Nac. de Rio de Janeiro, 1903

**BASILIO DE MAGALHÃES:** Vocabulario da Lingua dos Bororos etc... Rev. do Ins. Hist. e Geog. Brasil. T. LXXXIII Rio de Janeiro 1918.

**CHAMBERLAIN.** Sur Quelques Familles Linguistiques peu Communes etc... J. S. A. P. VII 1910

**CHAMBERLAIN:** The Bororan Stock etc... American Anthropologist 1913

**RIVET ET CREQUI-MONTFORT:** Le Groupe Otuké, J. S. A. P. 1912

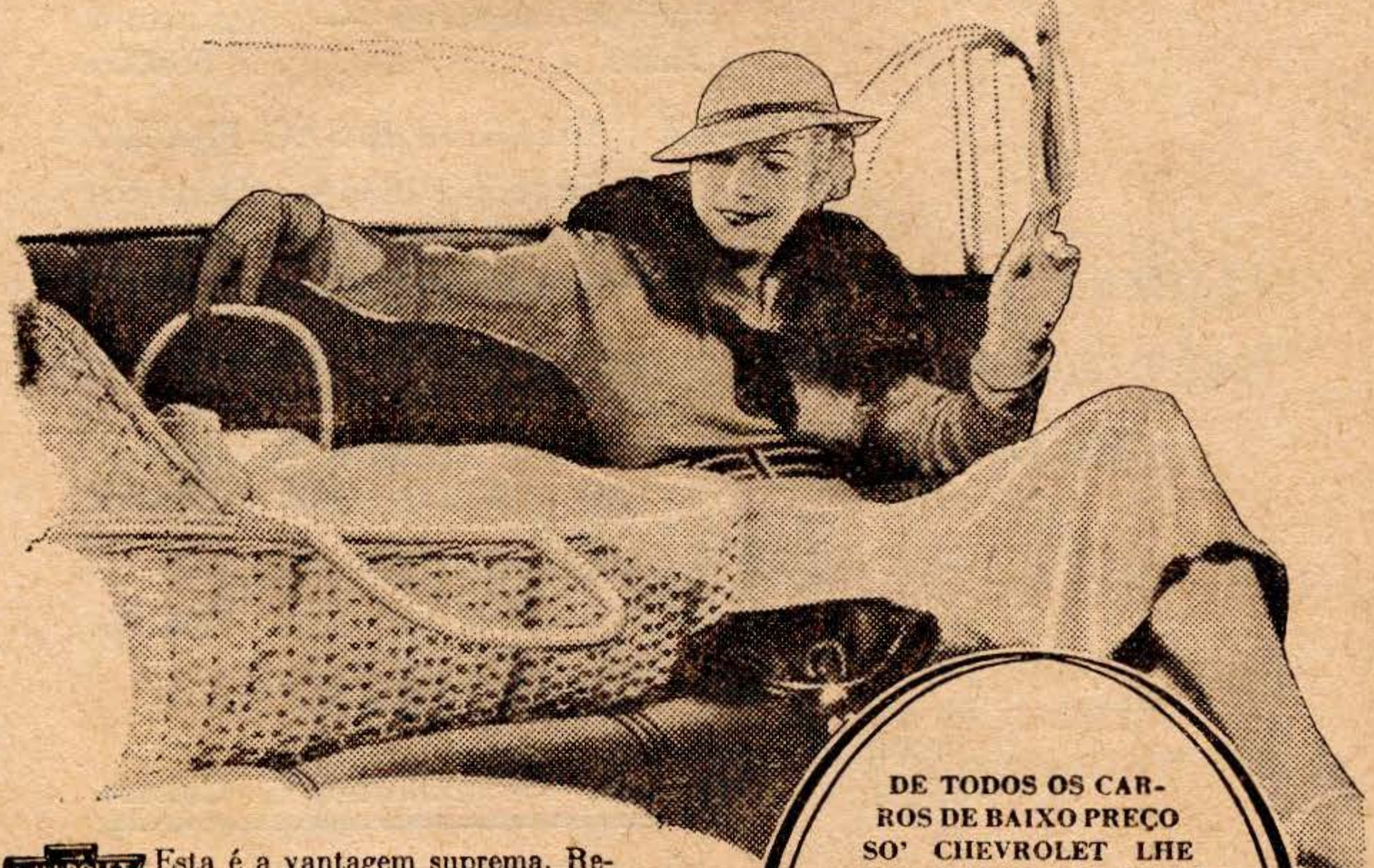
**RIVET ET CREQUI-MONTFORT:** Les Affinités des dialectes Otuké J. S. A. P. 1913

**H. BALDUS:** Ensaios de Ethnologia Brasileira, São Paulo 1936.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

# *Vidros de Segurança*

## NO PARABRISA, PORTAS E JANELLAS



**DE TODOS OS CARROS DE BAIXO PREÇO SO' CHEVROLET LHE OFFERECE TODOS ESTES FACTORES DE SEGURANÇA.**

Freios Hydraulicos Aperfeiçoados — Tecto-de-Aço em carrosseria de aço — "Acção de Joelho" — Ventilação Fisher Controlavel — Motor de valvulas na tampa, de alta compressão — Direcção á prova de choque — Vidros de Segurança no parabrisa, portas e janellas.

CHEVROLET Esta é a vantagem suprema. Reconhecidamente veloz, economico, possante e de facil manejo, o Chevrolet de 1936 é, acima de tudo, um carro seguro, de inteira confiança. A carrosseria é toda de aço, tecto inclusive. Possue freios hydraulicos aperfeiçoados, que permittem parar rapidamente, em qualquer velocidade. E agora os vidros, todos os vidros, — parabrisa, portas, janellas, — são de segurança, o que representa uma protecção incomparavel para quem nelle viaja. Cada *kilometro-Chevrolet* de marcha é uma satisfação que nada perturba. Adopte o carro que milhões preferem. Seus bens mais preciosos, sua familia, podem ser confiados ao Chevrolet 1936.

**E' um producto da General Motors.**

# *O Novo* CHEVROLET *de* 1936

## *O unico carro completo na classe de baixo preço*

**Agentes nas principaes cidades do Brasil**

# Publicações do Departamento de Cultura

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL

Mensario — 3.º ano — 25 ns. publicados — Indice dos 24 primeiros numeros — Assinatura anual . . . . . 30$000

ATAS DA CAMARA DE SÃO PAULO

Anos de 1835 e 1836 — (Desta coleção foram editados 25 volumes, de 1562 a 1836) — Vol. 5$000

REGISTRO GERAL DA CAMARA

Anos de 1831 e 1832 — (Desta coleção foram editados 21 volumes, de 1583 a 1832) — Vol. 5$000

ATOS DA PREFEITURA

1935 — Vol. . . . 10$000

• • •

Coleção Departamento de Cultura

I — A Administração Fabio Prado na Prefeitura de S. Paulo — exgotado.

II — Indices das Constituições Federal e do Estado de S. Paulo . . . 150$000

NO PRÉLO:

III — Metodologia Estatistica 25$

IV — Suite Brasileira

V — Bibliografia Juridica

## Pedidos á

# Divisão de Documentação Historica e Social

Rua Cantareira, 216
Tel. 2-3256
São Paulo